



Alcina Moraes . Alê Silva . Alexandre Palma .
Ana Angelim . Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Mattos .
Ana Morche . Ana Paula Guinle . Ana Schieck . Andres Papa . Angela Gentile . Angela Rolim .
Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik . Bel Guimarães . Benedito Neves Jr . Benjamim Rothstein .
Bia Rocha . Celia Gimenez . Celina Noll . Celso Adolfo . Cesar Coelho Gomes . Cesar Pies Barreto .
Christian Quellmann . Cirllei Gonçalves . Clara Cavendish . Clarice Pellegrino . Claudia Carneiro . Claudia Watkins .
Conceição Durães . Cunca Bocayuva . Daniel Senise . Daniela Veronesi . Debora Carneiro da Cunha . Denise Araripe .
Dirce Fett . Dora Portugal . Dulce Lysyj . Edgar Fonseca . Edineusa Bezerril . Edwiges Barros . Eliane Carrapateira .
Fernando Brum . Fernando Gomez Alvarez . Francinete Alberton . Giselle Vieira . Gloria Conforto . Graça Piza .
Hilario Almeida . Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia Oliveira . Isabella Marinho . Isis Braga . Jarbas Paullous .
João Saboia . Joel Gama . Jorge Cerqueira . Jorge Guidacci . Katia Politzer . Lando Faria . Lea Solbelman . Leila Bokel . Lena Tejo .
Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana Gonzalez . Liane Briand . Lizete Zern . Lu Guedes . Lucia Lyra .
Luciane Villanova . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Marcia Rommes . Marcio Atherino . Maria Cecilia Leão .
Maria Mazina . Maria Mujica . Maria Perdigão . Maria Veronica Martins . Marlene Reinaldo . Marca Bonimond .
Martha Pires Ferreira . Mauricio Theo . Mayra Rodrigues . Meiga Rodrigues . Miro PS . Nanda Cruz . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro .
Paloma Carvalho . Paulo Mittelman . Pedro Bento . Pilar Domingo . Regina Moura . Roberto Negri . Roberto Tavares .
Robinson Oliveira . Rosana Siqueira . Rosângela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rosi Baetas . Salazar Figueiredo .
Sandra Passos . Sergio Torres . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Carnacho . Talita Tunala .
Teresinha Mazzei . Tiago Gomes . Ulara Bartira . Valesca Veiga . Vânia Vica . Vera Hermano . VeraLu . Verônica Camisã .
Vilma Lima . Vitoria Szejnman . Walkyria Proença . Zé Igino . Zoravia Bettiol . Zula .

ZAGUT

Abertura

10 Março às 19h
2021

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

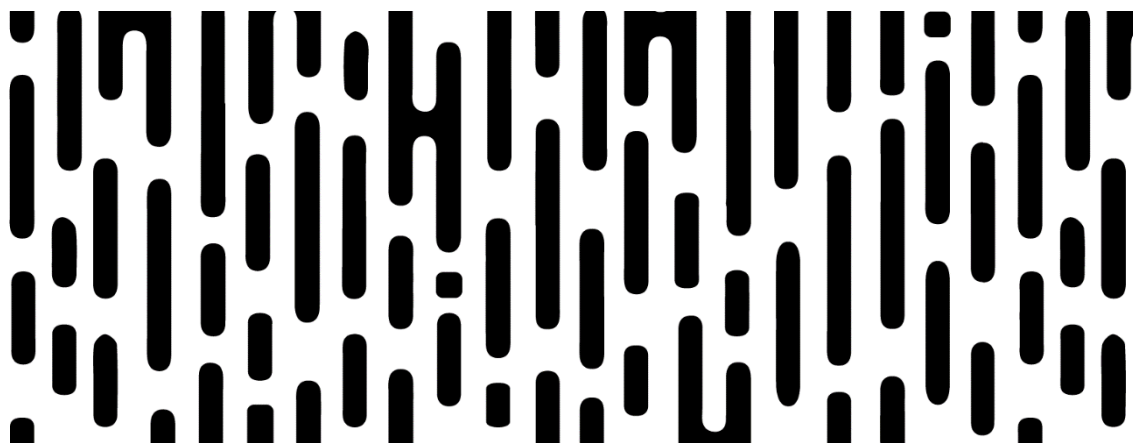
Ensaios críticos: Alexandre Palma, Augusto Herkenhoff, Carlos Taveira, Lani Goeldi, Noemi Ribeiro

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



GOELDI Gênio Brasileiro

A paixão do Augusto por Goeldi é antiga...mas se aprofunda na década de 90 em uma pesquisa para um livro sobre o acervo da Biblioteca Nacional, quando convive intimamente com as obras desse precioso acervo. Quando pensa em fazer mestrado, não tem dúvida sobre o tema da dissertação, esse acervo. E é aceito pelos professores da museologia da Unirio.

Desde então, a paixão se expandiu, me contaminou...todos os livros foram cuidadosamente pesquisados, encontrados em sebos, comprados outros exemplares e oferecidos aos amigos...

As idas à Biblioteca Nacional viraram uma atividade ainda mais interessante, com a equipe de impressionante competência sempre a postos para desvendar os inúmeros mistérios, e provocar tantos outros. E foi sendo montada a dissertação.

Após uma longa busca de obras do artista para fazer parte da coleção, com tantas dúvidas entre os diversos leilões com preços tão díspares, sem saber sobre a procedência das mesmas, nos foram oferecidas obras de impressão póstuma com certificados de procedência do Museu Nacional de Belas Artes, possibilitando sua fruição pertinho, diariamente.

Os queridos artistas que tanto conviveram com Anna Letycia; Zé Igino, Joel Gama e Robinson Oliveira, foram criando novas teias nesse emaranhado, através das histórias que ela contava sobre seu mestre e que foram recontadas por eles.

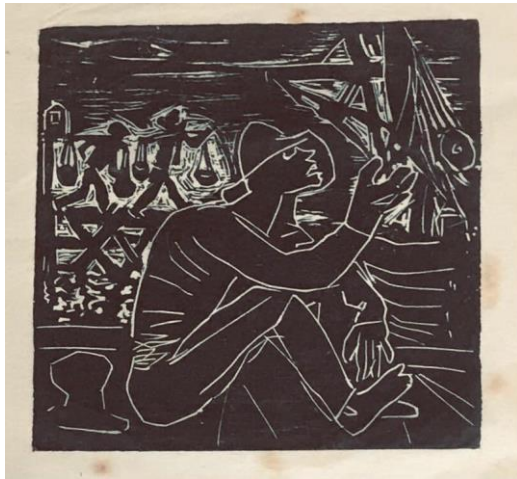
Como se não bastasse, a já muito conhecida pelas suas incríveis publicações Noemi Ribeiro passou a conviver intensamente com a Zagut, através de suas também impressionantes obras, e ainda por cima nossa vizinha a menos de um quarteirão de distância...são horas e horas de conversa sobre o mestre, sobre a produção das obras póstumas.

E mais recentemente, o contato com a Lani Goeldi, a partir da ideia de Joel Gama de fazer uma conversa para comemorar o dia do aniversário do artista, que além de participar da conversa, prontamente atendeu à solicitação de apoiar a exposição.

A conversa foi realizada, gravada, vista e revista, uma delícia. E a clara necessidade da exposição em homenagem a este incrível artista se impôs. Um artista que fazia questão de ser um orientador, nunca fazer com que os artistas saíssem de seus eixos de criação.

Esta exposição é uma pequena homenagem a esse gênio gigante da nossa sociedade, realizada por mais de uma centena de artistas, se referenciando ao mesmo através de seus temas recorrentes (já então com um cunho tão provocador em relação às desigualdades gritantes), às cores sombrias tão utilizadas em sua palheta, aos suportes em especial da gravura utilizados com maestria. Foram, ainda, reunidos textos que mapeiam um pouco de sua vida, críticas a seu trabalho, como estão organizadas suas obras...Uma viagem ao mundo de Goeldi! Bom embarque!

Coleção Zagut – tiragens póstumas Noemi Ribeiro para MNBA



“O Humanismo social de Oswaldo Goeldi”

Alexandre Palma (artista plástico, documentarista e professor na UFRJ)

Oswaldo Goeldi (1895 – 1961) é um dos mais notáveis artistas modernos no Brasil. Mestre no uso da luz e da sombra, destacado ilustrador e fluente desenhista, ele é um dos precursores da gravura brasileira por sua coerência artística ao não abrir mão de sua pesquisa gráfica por qualquer tipo de lugar-comum. No exímio ensaio de José Maria dos Reis Júnior (1981) a obstinada defesa do fazer xilográfico de Goeldi é equiparada a nobreza de “*São Francisco de Assis*” por Rachel de Queiroz ao revelar em sua goiva a “*irrealidade do real*” nas palavras de Carlos Drummond de Andrade. E Reis Júnior arremata:

Num país como o Brasil, ainda carente de espíritos generosos, sobretudo no meio artístico, mais disposto a picuinhas e invejas, não deixa de ser profundamente impressionante o coro unânime de entusiasmo em torno de um artista falando através de um processo tão modesto de recursos, tão pouco ostentoso; e artista que jamais se filiou a uma escola, jamais cortejou críticos ou promoções oficiais, arredio dos eventos sociais que era, pobre, paupérrimo e, sobre isso, cioso de sua personalidade: “nunca sacrifiquei a qualquer modismo o meu próprio eu” (1981, p. 105).

O seu interesse é o cotidiano, o homem da rua e a simplicidade dos personagens anônimos envoltos em fantasmagóricas cidades. De acordo com Fajardo, Sussekind e Vale (1999, p. 33):

Seu trabalho é radicalmente expressionista, marcado por uma luz diferente, sobrenatural. Seus temas: o submundo da miséria, tratado com humanidade e ao mesmo tempo com exagero. Seus cenários: o mercado de peixe onde os animais marinhos agonizam entre trabalhadores, cachorros, balanças, fregueses. Ou então a monotonia suburbana, com postes de luza que brilham solitários no meio da noite, com a figura da morte emergindo em meio a lufadas de vento. Urubus projetam o chão sua sombra lúgubre, homens de capa e mendigos tentam proteger-se da chuva. Ou ainda um guarda-chuva vermelho que surge, sanguíneo, no meio do preto e branco.

A nobreza do artista ao lidar com o que à primeira vista parece banal, em uma exata compreensão do registro poético da vida social influenciou o cinema de Leon Hirszman (1937 – 1987) no documentário *Nelson Cavaquinho* (1969). De acordo com o artista plástico Nuno Ramos, na excepcional fotografia de Mario Carneiro, a última tomada do curta-metragem revela “uma composição que remete diretamente, com incrível fidelidade, ao mundo das xilogravuras de Goeldi” (www.leonhirszman.com.br).

Goeldi também influenciou o ensino moderno de gravura no Brasil em um nítido diálogo com a mais importante criação do pintor Augusto Rodrigues (1913 – 1993) ao atuar no início da década de 1950 como professor para adultos na Escolinha de Arte do Brasil. Ali, ele doou à instituição o seu equipamento de impressão e participou da formação de importantes artistas como Anna Letycia Quadros (1929 – 2018), idealizadora, anos mais tarde, da Oficina de Gravura do Museu do Inga em Niterói/RJ.

O auge da maturidade artística de Goeldi coincide com a sua contratação como professor de Gravura a partir de 1955 na Escola de Belas Artes da UFRJ. Ao

chegar a instituição ele já tinha uma premiação na I Bienal de São Paulo (1951) e consolidou-se como um dos expoentes do expressionismo moderno na bicentenária instituição artística. Tendo como Assistente o artista Adir Botelho, orientou incontáveis talentos, entre eles, Rubens Gerchmann, cuja posterior gestão pioneira na Escola de Artes Visuais do Parque Lage ofereceu ênfase ao método livre de Goeldi.

Este estímulo à liberdade criadora é sublinhado nas percepções de diferentes artistas com trajetória no Atelier de Gravura da Escola de Belas Artes que destacamos abaixo. O primeiro depoimento é de seu dileto discípulo Adir Botelho, criador na década de 1970 do Curso de Bacharelado em Gravura na UFRJ e Professor Catedrático na mesma instituição. Nas palavras de Botelho:

O comportamento de Goeldi como professor era bastante diferente, o trabalho de cópia foi abandonado e, mesmo nos exercícios com a linha, este valorizava uma atitude criadora por parte do autor. Isso ficou bem nítido e hoje, talvez tenha sido a transformação mais radical (TÁVORA, 1997, p. 438).

Isa Aderne (1923 – 2019) não foi aluna de Goeldi, mas observou o impacto de sua orientação na Escola:

Quando eu cheguei no Goeldi e vi aquela liberdade pensei: ah! Isso é que eu estava procurando, isso é que eu precisava! Ele deixava o aluno trabalhar com suas próprias ideias (TÁVORA, 1997, p. 438).

Já Marília Rodrigues (1937 – 2009) o acompanhou durante todo o ano de 1960:

Nunca vi Goeldi colocar a mão no trabalho de um aluno. Tinha métodos de estimulação, mostrava a necessidade de retrabalhar as áreas de volume, os traços, mas as soluções de gravura, o conteúdo expressivo deveria ser encontrado pelo artista. Essa metodologia marcou minha vida futura como professora (TÁVORA, 1997, p. 439).

Newton Cavalcanti (1930 – 2006) revela ter realizado um trabalho intitulado “pavão misterioso”, com referência a xilogravura de cordel:

Goeldi gostou muito, prendeu na parede da Escola, chamou muita gente para ver e comecei a me animar com aquilo. Ele disse que eu deveria levar minha fantasia adiante (TÁVORA, 1997, p. 439).

Para concluir, a artista plástica Léa Soibelman traz esta importante lembrança em especial depoimento concedido para a exposição “Goeldi gênio brasileiro”:

Eu estava acabando o Curso de Pintura e deram para o Goeldi uma salinha o que eu achava na época um desaforo para um artista como ele. Não era um curso oficial e ele me passou muita liberdade, algo que a maioria dos professores na Belas Artes não fazia.

Bibliografia

FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; VALE, Márcio do. **Oficinas: gravura**. RJ: SENAC, 1999.

Reis Júnior. **Carlos Oswald, Raimundo Cela, Oswald Goeldi**. In: SOUZA, Wladimir Alves de. Aspectos da arte brasileira. RJ: FUNARTE, 1981.

TAVORA, Maria Luisa Luz. **Primórdios do ensino da gravura artística na Escola Nacional de Belas Artes: algumas considerações**. Anais do Seminário EBA 180 (180 anos da Escola de Belas Artes). Pós-Graduação da EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, 1997

Oswaldo Goeldi – Biografia

Augusto Herkenhoff (artista visual; trecho da dissertação de mestrado em museologia – Unirio – orientador Bruno Brulon)

No catálogo de educativo da exposição “O ateliê de Oswaldo Goeldi”, Lani Goeldi, sua sobrinha-neta, faz uma cronologia sobre o tio, incluindo sua importância no ensino da técnica. Essa cronologia está em contínua revisão no site do projeto Goeldi. O mesmo ocorre no catálogo da Coleção Kümmerly por Noemi Ribeiro. No catálogo da exposição no Museu Nacional de Belas Artes em 2008, também há uma cronologia exposta por Amanda Cordova e Eliane Vilela Antunes. O site oficial do Projeto Goeldi/ Centro de Documentação e Referência Oswaldo Goeldi também tem uma cronologia. A junção dessas fontes, em especial a de Reis Junior (1966), por ter convivido tão proximamente do artista, anterior às demais, esboça a *timeline* a seguir.

Ilustração. Fotografia de Oswaldo Goeldi



Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/oswaldo-goeldi/imagens>, acesso em 01/07/2018 e em <http://oswaldogoeldi.org.br/fotos.html> acesso em 18/02/19.

Nasce em 31/10/1895, no Rio de Janeiro, na Ladeira do Ascurra número 6 (hoje 94) no Cosme Velho. Seu pai, Emilio Augusto Goeldi havia sido convidado pelo imperador D. Pedro II para ser diretor do Museu Nacional e em 1894 chegara à cidade, onde conheceu e casou-se com Adelina Meyer, filha do também suíço Eugenio Meyer e Marcelina Viana, paulista. Chama-se Oswaldo em homenagem a Oswaldo Cruz, amigo de seu pai, com quem colaborara no combate à febre amarela.

Vai com a família (seus pais são Adelina Meyer Goeldi e Emílio Augusto Goeldi) para Belém do Pará, onde o pai, naturalista suíço, foi reorganizar e ser diretor do hoje Museu Paraense Emilio Goeldi.

Vai para a Suíça (morava em Zidelstrasse, Berna) com 6 anos, onde seu pai é membro da Universidade. E muita saudade tem das terras brasileiras, assim como seu pai (que coopera com o Barão do Rio Branco nos limites do Amapá), mãe e irmãos. Tinham uma grande biblioteca, eram protestantes, tinham educação musical e a família tocava junta.

Começa o curso de Humanidades, e com 20 anos, em 1915, entra no curso de engenharia da Escola Politécnica de Zurique (*Academiae Technicae Helveticae*). Também é sentinela na fronteira com a Áustria pelo exército suíço, onde ajudava aos soldados austríacos que passavam necessidades de roupas, comidas... Também começa a desenhar neste ano. A Suíça de antes da Primeira Guerra Mundial era pacifista e abrigava refugiados políticos diversos.

Em 5 de julho de 1917 seu pai falece, e aprofunda sua crise com a mãe e seus irmãos.

Com 22 anos, em 1917, abandona a engenharia e vai para Genebra com um amigo que vai estudar música (Martin Wegner), entra na *École des Arts e Métiers* de Genebra, que frequenta por apenas seis meses por ser muito acadêmica. Conhece a obra de Alfred Kubin (seu mentor artístico), do grupo expressionista *Der Blaue Reiter*. Começa a ter aulas com Serge Pahnke e Henri van Muyden, mas também os achou muito convencionais. Faz sua primeira individual também nesse ano em Berna na Galeria Wyss.

Após 2 anos, com 24 anos, volta ao Brasil em 1919, para a casa do Cosme Velho onde mora sua avó Marcolina. Demora um pouco para ambientar-se, trabalha no London and River Plate Bank, que acaba abandonando. Seu amigo Martin Wegner vem ao Brasil, acaba casando-se com sua irmã Matilde. Faz trabalhos como ilustrador de “Para Todos” de Álvaro Moreyra e ilustra páginas dominicais do jornal “A Manhã”.

Em 1920, publica seis desenhos que ilustraram o conto “O gato preto”, na revista “Para Todos”, de Edgar Allan Poe.

Em 1921, com 26 anos, faz sua primeira exposição individual no Brasil, no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, com grande participação do arquiteto Emílio Hugin, suíço. Recebe elogios de Álvaro Moreyra, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, Ronald de Carvalho, Rachel de Queiroz, Olegário Mariano, Otto Maria Carpeaux, Di Cavalcanti, mas tem rejeição pela crítica e entre a maioria dos artistas. Vive uma crise.

Em 1922 é expulso do seio familiar, em especial se desentende com seu cunhado e antigo amigo, e após conselho familiar desiste de heranças paterna e materna em um tabelião e volta para a Europa na terceira classe do navio *Valdívia*, em 25 de setembro de 1922, com tristeza extrema. Ao chegar em Dacar, recebe mensagem e passagem de volta ao Brasil de Beatrix Reynal e de um grupo de intelectuais, e volta imediatamente, hospedando-se inicialmente na casa de Béatrix, e a seguir vai para Gragoatá (Niterói), convidado por Erwin Zach, em uma casinha afastada na R Passo da Pátria.

Em 1923 aprende xilogravura com Ricardo Bampi, também escultor, que morava em Niterói desde que voltara da Alemanha onde realizou seus estudos, após a Primeira Guerra.

Passa a ser ilustrador de “O Malho” em 1924, com 29 anos.

Em 1926, aos 31 anos, envia trabalhos para Kubin, iniciando uma correspondência, que o aconselha a expor na Europa.

Em 1928 ilustra “Canaã” de Graça Aranha, e volta a morar no Rio de Janeiro, Com Reynal e Reis Jr., na Rua Alfredo Pinto, na Tijuca, e tinha o *atelier* no quintal, e lhe compravam alguns trabalhos. Artigos são escritos a seu respeito.

Em 1929 vai a São Paulo e ilustra “O Mangue” de Benjamin Costallat.

Em 1930 lança “Dez gravuras em madeira”, com prefácio de Manuel Bandeira (200 exemplares), impresso pela Officinas Graphics de Paulo Pongetti e cia, permitindo que retornasse à Europa em 15/04/30.

Em 30 faz exposições em Zurique, Berna (galeria Gutekunst e Klipstein) e em Berlim (na Modern Galerie Wertheim, junto com Henri Matisse, Maurice Utrillo, Henri de Waroquier, Leo Lang, André Jacquemin e Pierre Guastalla). Em 15/04/30 faz a exposição em Mury com Kümmerly, no ateliê do mesmo. Visita Kubin essa única vez no castelo de Zwickladt, que o recomenda a muitos marchands. Tem 35 anos. Se muda para Ipanema ao voltar ao Brasil.

Em 1931 faz sua última viagem à Europa, e deixa com Kümmerly diversas obras e matrizes.

Em 1932 retorna ao Brasil, muda-se para o cruzamento da Maria Quitéria e Nascimento Silva, ao lado de um areal perto da Lagoa, com cactos, que via de sua janela no primeiro andar, aos 37 anos, e começa o uso de cores em suas gravuras. A primeira foi a gravura “Baianas”, a qual envia para Kümmerly. A necessidade do uso da cor surge de sua vontade de ilustrar o livro Cobra Norato e ao associar o mundo amazônico com cores.

Em 1933 participa do 3º Salão da Pró-Arte na Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1934 ilustra “Felipe d’Oliveira”, de José Geraldo Vieira, e a obra de Veiga Lima, “No limiar da vida secreta”.

Em 1935, ilustra “André de leão e o demônio do cabelo encarnado”, uma sinfonia inspirada em poema de Cassiano Ricardo, do maestro Heckel Tavares, e realiza a exposição de Arte Social no Club de Cultura Moderna.

Em 1937 é impresso o livro Cobra Norato de Raul Bopp, com utilização de cores em suas gravuras (150 exemplares, impressos por Armindo Di Monaco), aos 42 anos.

Em 1938, aos 43 anos, realiza exposições em Belém (na Biblioteca do Arquivo Público), Salvador, São Paulo (II Salão de Maio, no Esplanada Hotel) e Rio de Janeiro, esta última coletiva com organização de Emiliano Di Cavalcanti, Aníbal Machado e Tomás Santa Rosa. Expõe no II Salão de Maio, entre os artistas participantes estão Alfredo Volpi, Alberto da Veiga Guignard, Cícero Dias, Victor Brecheret, Tarsila do Amaral, Flavio de Carvalho e Di Cavalcanti.

Nesse ano também se muda para o Leblon, na R. Almirante Guilhem, onde se fixa, nessa época, servido por apenas uma linha de bonde.

Aos 46 anos, em 1941, colabora com o suplemento dominical literário “Autores e Livros”, do periódico “A Manhã”, convidado por Mucio Leão. Também nesse ano ilustra as “Obras Completas” de Dostoiévski, pela Editora José Olympio. Participa de exposição itinerante da *International Business Machine Corporation*, percorrendo os Estados Unidos e América Latina, inclusive no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Realiza uma série de desenhos sobre a guerra: “As luzes se apagam, agitam-se os monstros”.

Em 1942 ilustra “Aux rives de notre ocean”, com outros artistas, de Jacques Perroy Cuers.

Em 1944, ilustra a edição de “Humilhados e ofendidos”, de Dostoiévski, pela José Olympio, assim como “Fascinação da Amazônia” de Éster Leão Cunha editada por Pongetti, e “Carlitos, a vida, a obra e a arte do gênio do cine”, de Manuel Villegas Lopes. Realiza a série “Balada da morte”, na revista *Clima*, em São Paulo. Faz individuais no Rio de Janeiro no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) (quando é reconhecido como mestre da gravura pela crítica, e Quirino Campofiorito escreve no “Diário da Noite” de 3 de julho de 1944 o artigo “Um grande xilógrafo”) e no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), e expõe em Belo Horizonte no Museu de Arte da Prefeitura, na 29ª Exposição de arte moderna na Biblioteca Pública em Salvador, e na Exposição Gravura Brasileira Moderna, em cidades inglesas inclusive na Royal Academy of Arts em Londres.

Ilustra em 1945 “Martim Cererê”, de Cassiano Ricardo (edição de “A Noite”), e “Recordações da casa dos mortos” de Dostoiévski. Também produz ilustrações para o suplemento dominical “Letras e artes”, novo suplemento dominical do jornal “A Manhã”, coordenado por Jorge Lacerda.

Em 1946 ilustra a capa de “Frô de pena” de Jacy Ricardo (edição de “A Noite”).

Ilustra, em 1947, “Face oculta” de José Luís de Carvalho Filho.

Em 1949 ilustra “Cheiro da terra” de Caio de Mello Franco e “O idiota” de Dostoiévski.

Em 1950 expõe na XXV Bienal de Veneza, aos 55 anos, junto com Lívio Abramo. Ilustra “O homem de duas cabeças” de Oswaldo de Almeida Fischer, “Cogumelos” de Breno Acioli. Medalha de ouro do 1º Salão de Belas Artes da Bahia. Expõe na Bienal de Gravuras da Tchecoslováquia, e na Casa Del Brasile em Roma (na 2ª mostra Arte Brasileira Moderna).

Em 1951 durante a 1ª Bienal de São Paulo ganha o prêmio de gravura nacional, aos 56 anos. Ilustra “Minha primeira comunhão” de Maria Pacheco e Chaves (junto com aquarelas de José Maria dos Reis Junior). Galeria Domus em São Paulo faz uma retrospectiva. Jurado do Salão Nacional de Belas Artes em desenho e artes gráficas.

Em 1952 expõe na XXVI Bienal de Veneza, na Bienal de Xilogravura de Tóquio, na *Association Artistique et Littéraire* em Paris, no Museu de Arte Moderna em Santiago do Chile, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a Exposição de Artistas Brasileiros e na Galeria Langenbach e Tenreiro no Rio de Janeiro, e começa a carreira como professor na Escolinha de Arte do Brasil do saudoso Augusto Rodrigues.

Em 1953, participa da 2ª Bienal de São Paulo, com 58 anos. Também ilustra “Memórias do subsolo” de Dostoiévski pela José Olympio e dá um curso de gravuras em Montevideu, e expõe na coletiva no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro.

Em 1954 participa da mostra “Arte contemporânea: exposição do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP)”, com Flávio de Carvalho, Tarsila do Amaral e Lívio Abramo, tem 59 anos. Participa do Salão Preto e Branco no Rio de Janeiro, junto com artistas solidários a tantos outros artistas que protestavam contra os altos preços das tintas importadas, liderados por Iberê Camargo. Expõe na Galeria Oxumaré em Salvador. A Sociedade dos Amigos da Gravura, cuja presidência era de Raimundo Ottoni de Castro Maya, imprime uma gravura de sua autoria. Participa da coletiva *Graveurs brésiliens* em Berna (Musée des Beaux Arts), Zurique e Genebra, e da mostra *Brasilienbaut* no *Kunstgewerbemuseum* em Zurique. Também na exposição do acervo de arte contemporânea no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).

Em 1955 começa a dar aulas de gravura na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Participa no Museu da Villa Ciani em Lugano, da coletiva *Incisioni e disegni brasiliani*, e da 3ª Bienal de São Paulo como convidado. O Pen Clube do Brasil (Grupo de Estudos Mário de Andrade) o homenageia, liderado pelo crítico Mario Barata, por sua contribuição para a gravura brasileira. Publica o álbum “Goeldi” com apresentação de Aníbal Machado, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura.

Aos 61 anos, em 1956, é feita uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), um grande sucesso de público e crítica. Expôs na galeria GEA, no Rio de Janeiro. Também no MAM-SP. Participa da XXVIII Bienal de Veneza, do II Salão de Gravadores em Madeira e da mostra Xylon em Zurique.

Em 1957 o Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro em Montevideu organiza a mostra *Grabados Brasileños*. Nesse mesmo ano, no Peru, no Chile ocorre a exposição: *Arte Moderno en Brasil*.

Aos 63 anos em 1958, a exposição *Grabados Brasileños* é vista no Museu de Arte Colonial de Quito. Também participa da exposição *Arte Moderno en Brasil*, ocorrida em Buenos Aires; da V Mostra Internazionale di Bianco e Nero em Lugano, da mostra Gravadores Brasileiros no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, e de nova exposição na galeria GEA no Rio de Janeiro, com críticas muito favoráveis. Participou da XXIX Bienal de Veneza. Ilustra “Superstições e costumes” de Câmara Cascudo, da Editora Antunes.

EM 1959, aos 64 anos, expõe individualmente na Piccola Galleria do Instituto Italiano de Cultura no Rio de Janeiro e na Galeria Langenbach e Tenreiro de São Paulo. Participa das coletivas: Arte Brasileira na Casa do Artista em Munique, na *Graphicaus Brasilien* no Museu Albertina em Viena. Também expõe na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, 30 anos de Arte Brasileira. Realiza as ilustrações de “Lições de abismo” de Gustavo Corção da Editora Agir.

Em 1960, aos 65 anos, ilustra “Mar morto” de Jorge Amado publicado pela Editora Martins Fontes em 1967. Também nesse ano ganha o primeiro prêmio de gravura da 2ª Bienal Interamericana do México no Museu Nacional de Artes Plásticas. Expõe na inauguração da Galeria Bonino e de mostra com Marcelo Grassmann, na mesma galeria, no Rio de Janeiro; em São Paulo na Galeria de Arte da Folha na Coleção Leirner. Inicia as ilustrações do livro “Poranduba Amazonense” de Barbosa Rodrigues, a ser editado pelo Clube dos Cem Bibliófilos, mas só realiza duas xilogravuras coloridas.

Falece em 15/02/1961, uma quarta-feira de Cinzas, aos 65 anos, morte súbita, deitado em seu quarto com a mão no coração. Já não fumava nem bebia obedecendo o aconselhamento médico por causa dos problemas cardíacos.

Deixa em seu testamento: "A minha obra artística ficará toda com Béatrix Reynal (que viveu de 1892 a 1990), que cuidará da sua colocação em museus nacionais ou estrangeiros, ou disporá dela como melhor entender". Imprime obras, as difunde. Morre ela e seu esposo sem herdeiros, e os direitos voltam para a família, na figura de seu irmão Edgar que sempre tinha sido seu elo com a família, passando para a associação que leva seu nome, Associação Artística e Cultura Oswaldo Goeldi, que hoje as administra (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/48550-goeldi-viveu-rejeicao-familiar-e-exilio.shtml>).

Diversas mostras póstumas são realizadas nesse ano: Retrospectiva Goeldi no MAM-RJ e no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro, no Museu de Arte de Belo Horizonte, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, e há a Sala Especial Oswaldo Goeldi na VI Bienal de São Paulo. Também há uma exposição na Galeria Ibeu, em Copacabana.

Em 1962 há a Retrospectiva Goeldi no Museu de Arte Moderna em Salvador, assim como no Museu de Belas Artes de Buenos Aires e na Missão Cultural Brasileira em Assunção. Ocorre também a exposição Goeldi no *Instituto Paraguayo-Brasileño* de Assunção. Também ocorre a Retrospectiva Goeldi na Galeria Vila Rica no Rio de Janeiro e uma coletiva na Galeria Residência em São Paulo.

Em 1966 na Galeria Ibeu em Copacabana ocorre a exposição Autorretratos, e em Salvador na 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas.

Em 1969, 8 anos após sua morte, a Sala Especial “Homenagem a Goeldi” ocorre na X Bienal de São Paulo.

Aos 10 anos de sua morte, em 1971, o Museu Nacional de Belas Artes realiza a Retrospectiva Goeldi. Também é exposto na 11ª Bienal de São Paulo.

Em 1972 no MASP ocorre a exposição A semana de 22: antecedentes e consequências.

Em 1974 na Bolsa de Arte no Rio de Janeiro ocorre a coletiva Goeldi – Grassmann – Messias.

Em 1975 no Museu Lasar Segall em uma exposição sobre o modernismo é exposto; e no ano seguinte no mesmo museu sobre os salões.

Em 1978 no Salão Nacional de Artes Plásticas no Palácio da cultura ocorre a exposição Três mestres da Gravura do Brasil. Nesse mesmo ano é instituído o Projeto Goeldi.

Em 1979 novamente é exposto na 15ª Bienal de São Paulo.

Em 1980 é exposto em homenagem a Mario Pedrosa na Galeria Boghici.

Em 1982 no Museu Lasar Segall ocorre a exposição Seis Gravadores Expressionistas do Brasil.

Em 1983 o MAC de Olinda expõe a coleção de Abelardo Rodrigues, com obra do artista. Nesse ano a Grifo Galeria em São Paulo realiza uma exposição dedicada ao artista.

Em 1984 na 6ª Mostra de Gravura Cidade de Curitiba é exposta obra sua, na Fundação Cultural; assim como no Rio de Janeiro na Fundação Nacional de Arte em mostra sobre xilogravura; no MAM-SP na exposição da Coleção Chateaubriand; na Galeria da USP de Ribeirão Preto em mostra sobre Gravadores Brasileiros anos 50/60; no Centro de Arte Cambona em Porto Alegre em mostra sobre gravuras e Na Bienal de São Paulo.

Em 1985 volta a ser exposto na Bienal de São Paulo; mas também no MARGS em mostra sobre Iberê Camargo; e no 8º Salão de Artes Plásticas no MAM-RJ.

Em 1986 a mostra sobre Iberê percorre algumas cidades: Teatro Nacional em Brasília, MASP e MAM-RJ.

Em 1987 novamente sua obra participa da 19ª Bienal de São Paulo; e no MAC-USP em mostra sobre esse acervo nas bienais; no MAM-RJ a coleção de Chateaubriand e em mostra sobre a arte brasileira no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris. Ainda nesse ano, em duas exposições no MAM-SP: sobre arte em papel e sobre arte brasileira.

Em 1988 há uma exposição individual no Antiquário Laeri e na Livraria Salchli, em Berna. A obra participa, ainda, da 8ª Mostra de Gravura Cidade de Curitiba, na FESP-SP sobre Brasiliana; na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa sobre Pioneiros e discípulos.

Em 1989 na exposição Gravura Brasileira na EAV-Parque Lage, no Rio de Janeiro, é mostrada sua obra.

Em 1990 o *The Brazilian American Cultural Institute* em Washington organiza a exposição: Oswaldo Goeldi, gravuras em madeira. No MASP em mostra sobre a coleção do Município de São Paulo também é exposta sua obra.

Em 1991 no MAC-USP sua obra aparece em duas exposições; A Mata e Homem e Natureza.

Em 1992 no Kunsthaus de Zurique sobre arte brasileira; no CCBB-RJ em mostra sobre Gravura de Arte no Brasil.

Em 1993 no MNBA em comemoração aos 100 anos de arte moderna no país. Ainda esse ano, na Casa de Cultura de Poços de Caldas na coleção Mário de Andrade; Na galeria do SESI-SP na coleção Chateaubriand; na Funesc em João Pessoa sobre xilogravura.

Em 1994 volta a ser exposto no Bienal de São Paulo; em Poços de Caldas com a coleção Unibanco; no MAM-RJ na coleção Chateaubriand; no SESI-SP em mostra sobre gravuras; no MAM-RJ em mostra sobre política; no MASP e estações de metrô na cidade sobre xilogravura.

Em 1995, ano de seu centenário de nascimento, diversas exposições são organizadas: Oswaldo Goeldi, um autorretrato no Centro Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro; Goeldi e seu tempo, e Goeldi e nosso tempo no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo; Centenário Goeldi no Conjunto Cultural da Caixa no Rio de Janeiro; Goeldi Ilustrador no Solar de Grandjean de Montigny na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Imagem Derivada na Sala Especial no Palácio das Artes em Belo Horizonte; foi inaugurada a Sala Oswaldo Goeldi no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Há individual na FAAP-SP. Ainda nesse ano, a coleção do Unibanco é exposta no MAM-RJ; no MAP em Belo Horizonte sobre gravuras.

Em 1996 foi realizada a exposição Oswaldo Goeldi: mestre visionário na Galeria de Arte do SESI/FIESP em São Paulo.

Em 1998, é realizada a Sala Especial Modernismo na XXIV Bienal de São Paulo. No Centro Cultural Banespa aparece em mostra sobre gravuras, no MASP na coleção Chateaubriand; no SESI-SP na coleção Guita e José Mindlin sobre gravuras.

Em 1999 a mostra Rio Gravura: Gravura moderna brasileira, acervo do Museu Nacional de Belas Artes na Sala Especial Oswaldo Goeldi e no Espaço Cultural dos Correios no Rio de Janeiro (as gravuras no acervo da Biblioteca Nacional). Na Casa França-Brasil há uma individual de sua obra, assim como na galeria Thomas Cohn em São Paulo. Há a mostra do acervo Banerj no Museu do Ingá e sobre Literatura Brasileira na Academia Brasileira de Letras.

Em 2000 a exposição Matrizes do expressionismo no Brasil – Abramo, Goeldi e Segall, ocorre no Paço Imperial no Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna em São Paulo. Novamente é exposto na Bienal de São Paulo, também no conjunto Cultural da Caixa em Brasília (exposição Brasil Europa); no Itaú Cultural em mostra sobre gravuras; acompanhada de documentário com seu depoimento, e na 12ª Mostra de Gravura Cidade de Curitiba; assim como no SESI-SP sobre o papel da arte e no Paço Imperial sobre modernismo e em Lisboa na Calouste Gulbenkian sobre a arte brasileira; na Art Basel sobre os 500 anos do Brasil. Nesse ano é instituída a Associação Artística Cultural Oswaldo Goeldi, com sede em Taubaté, e há o lançamento do livro de Lani Goeldi “De mãos dadas com o passado” sobre os 500 anos do Brasil e a história de sua família.

Em 2001 no Museu Paraense Emilio Goeldi é inaugurado o Espaço Arte Goeldi. Nesse ano no Itaú Cultural sobre gravuras, em Penápolis e Brasília; sobre gravura, e em São Paulo sobre trajetória da luz.

Em 2005 é lançado o site do Centro Virtual de Documentação e Referência Oswaldo Goeldi, no Museu da República no Rio de Janeiro, e exposição curada por Noemi Ribeiro.

Em 2006, há exposição na Galeria de Arte Brasileira Moderna e Contemporânea do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Em 2007 na BMeF, com mais de 100 obras, curada por Lani Goeldi. Também nesse ano no Studio Buck foi apresentado na coleção Buck.

Em 2008 é lançado no MNBA livro de Laura Abreu.

Em 2009 é lançada a 2ª fase do centro virtual na ABL, e em São Paulo na Caixa Cultural a exposição individual Luz Noturna, que no ano seguinte viaja para Brasília, Curitiba e Salvador.

Em 2010 no Centro Cultural dos Correios RJ a exposição o Encantador de Sombras.

Em 2011 na embaixada brasileira de Londres a individual Cena Urbana; e na Universidade Federal do Pará a exposição Poesia Gravada.

Em 2012 na Caixa Cultural RJ a exposição Goeldi e Dostoievski, e individual no MAM-SP.

Em 2013 no Centro dos Correios de Fortaleza e de Juiz de Fora, a individual Soturno Caminhante; na Caixa Cultural de Recife a exposição Luz Noturna. No MAM-RJ participa de O Abrigo e o Terreno.

Em 2014 na Fundação Cassiano Ricardo em São José dos Campos na 3ª Bienal do Livro; individual na Galeria Milan (SP).

Em 2015, em comemoração aos 120 de nascimento do artista, foram realizadas uma série de apresentações em diversas cidades.

Em 2016, individual na Galeria Bergamin e Gomide, e no MAR-RJ em exposição A Cor do Brasil.

Em 2018 individual em shopping em São Paulo.

Em 2019 na Caixa Cultural em Brasília a exposição Goeldi e Dostoievski, e individual na Galeria Paulo Kuzinsky.

Em 2020 individual As Flores em shopping paulistano e, também, online.

Oswaldo Goeldi – Críticas

Augusto Herkenhoff (artista visual, trecho da dissertação de mestrado em museologia – Unirio – orientador Bruno Brulon)

Oswaldo Goeldi nasceu no Rio de Janeiro em 1895. Filho do casal Adelina e Emilio Augusto Goeldi, o naturalista suíço que a convite de Dom Pedro II veio trabalhar no Brasil. Depois desta passagem pelo Rio de Janeiro a família se instala em Belém – PA onde seu pai dirige o museu paraense que hoje tem o nome de Museu Emilio Goeldi. Sua primeira infância é vivida na região norte do Brasil, conhecida pela riqueza da fauna e flora e da extração da madeira, matéria esta que seria essencial e decisiva para a produção artística de sua obra. O regime republicano é instituído no Brasil. É uma época de muitas transformações na sociedade brasileira (Reis Jr., 1966).

Muitos críticos tentam traduzir Goeldi com palavras...uma missão impossível. Entretanto, uma ideia pode ir sendo construída graças aos textos inspirados desses autores.

Começando por Carlos Drummond de Andrade, que o batizou de “pesquisador da noite moral sob a noite física” no seu poema “A Goeldi”:

“De uma cidade vulturina
vieste a nós, trazendo
o ar de suas avenidas de assombro
onde os vagabundos peixes esqueletos
rodopiam ou se postam frente a casas inabitáveis
mas entupidas de tua coleção de segredos,
Ó Goeldi: pesquisador da noite moral sob a noite física.

Ainda não desembarcaste de todo
e não desembarcarás nunca.
Exílio e memória porejam das madeiras
em que inflexivelmente penetras para extrair
o vitríolo das criaturas
condenadas ao mundo.

És metade sombra ou todo sombra?
Tuas relações com a luz como se tecem?
Amarias talvez, preto no preto,

fixar um novo sol, noturno; e denúncias
as diferentes espécies de treva
em que os objetos se elaboram:
a treva do entardecer e a da manhã;
a erosão do tempo no silêncio;
a irrealidade do real.

Estás sempre inspecionando
as nuvens e a direção dos ciclones.
Céu nublado, chuva incessante, atmosfera de chumbo
são elementos de teu reino
onde a morte de guarda-chuva
comanda
poças de solidão, entre urubus.

Tão solitário, Goeldi! Mas pressinto
No glauco reflexo furtivo
que lambe a canoa de seu pescador
e na tarja sanguínea a irromper, escândalo, de teus negrumes
uma dádiva de ti à vida.

Não sinistra,
mas violenta
e meiga,
destas cores compõe-se a rosa em teu louvor”.

Carlos Drummond também escreveu sobre ele em prosa. Em “Goeldi e Espanto”, no “Correio da Manhã” de 4 de outubro de 1956 escreve (Reis Jr., 1966):

“Goeldi mostrará os anteriores Goeldis, que estão no presente, tamanha é a identidade do gravador com seu eu profundo, e que aliás não fazem caso do tempo. O artista venceu esta categoria, exprimindo-a. Expressar não foi para ele um verbo qualquer, de sentido imediato, mas a ação que melhor lhe definiu as origens a natureza, a ambição, a gravidade intrínseca de sua arte”.

E também:

“uma bomba que tem o mérito de mostrar documentos da vida interior de um artista excepcional, fiel como pouquíssimos ao seu destino”.

Também entre as poesias que o mestre da gravura inspirou, há a de 1961, após sua morte, da grande amiga Béatrix Reynal, publicada em francês (*En souvenir d'Oswaldo Goeldi*), traduzida por Anaildo Bernardo Baraçal:

Em uma noite chuvosa onde rondava a infelicidade,
A morte quebrou o ritmo encantado do seu coração.

E seu coração dolorido, seu coração cheio de sofrimento,
Espalhou na noite a sua última cadência.

Desde essa noite medonha, desde essa noite fatal,
Eu busco em vão, em todo lugar, seu sorriso amigável.

Pois, através dos anos, durante toda a vida,
Você me considerou como sua grande amiga.

Ninguém o conhecia, sem dúvida, melhor que eu:
Eis por que sua morte me provocou tanta emoção.

Dos humildes, você gravou o eterno infortúnio,
Com o profundo amor que o guiava sem parar.
Quando, ai de mim! De repente, o insondável destino,
Impiedosamente, barrou o seu caminho.

Então, tudo se obscureceu, e minha alma em prece,
Em lágrimas, se encontra perto de você, a primeira.

Estendido sobre o leito, você parecia dormir...
A partir de agora, aqui em baixo, você não poderá mais sofrer.

E seus olhos transparentes, seus olhos da cor da onda,
Não verão nunca mais as coisas deste mundo.

Ninguém ferirá seu grande coração ingênuo,
E de seu nobre esforço, nada será perdido.

Em seu pobre ateliê, testemunho de sua miséria,
Sua obra está toda lá, tocante e sincera.

Suas mãos geniais, inertes para sempre,
Gravaram no tempo a sua glória ao longo dos dias.

Frequentemente você trabalhava até a aurora
E eu imagino vê-lo gravando, gravando ainda.

O povo que sua arte há muito tempo celebra,
Em troca, construiu a sua popularidade.

Aqueles que o compreendiam nesta terra ilusória,
Inscreverão com vivacidade o seu nome na memória.

Vejo, a cada instante, pessoas que o conheceram,
E sofro ao pensar no belo tempo passado.

Para você, guardarei na minha alma eterna,
A flor da Lembrança, de todas a mais bela.

O esposo de Béatrix, também grande amigo do artista, José Maria dos Reis Junior, escreve em 1966 um livro sobre Goeldi, onde além de pormenorizar datas, feitos, opiniões; traça aspectos de sua personalidade: “doido lúcido”, um antagonismo entre a obsessão com a calma de escolha e processamento de seu material e o turbilhão de emoções em seu peito, suas dúvidas. Também refere sua procura por Alfred Kubin para ter seu aval com relação à sua arte, e o obteve:

“Emocionou-me profundamente e alegrou-me encontrar em sua arte, extraordinariamente sugestiva e vibrante, uma espécie de aproximação, de filiação à permanente preocupação de expressão individual, inerente aos artistas desde os mais remotos tempos”, assim como: “tecnicamente, o senhor é magistral na xilogravura. A riqueza do seu mundo interior é fabulosa e ainda se desenvolverá muito mais”, e ainda: “A felicidade de poder criar sempre lhe será fiel. Diante do nível já alcançado pode aguardar com tranquilidade as futuras etapas da sua vida, sem rancor, sem medo. O senhor é um sutil instrumento artístico do Eterno e do Infinito”.

O mesmo autor descortina notas íntimas de Goeldi:

“Os fenômenos da natureza me empolgam – trovoadas, ventanias, nuvens pesadas, céu e mar, sol e chuva torrencial e noites cheias de mistério, pássaros e bichos. Os dramas da alma humana me comovem – sinto-me bem com os simples e às vezes me confundo com eles”...“Estou atualmente desenhando uma série de visões sobre a guerra” sobre a série de desenhos a carvão “As luzes se apagam, agitam-se os monstros”, inspirados em técnica de obras a carvão de Seurat.

Assim como o rascunho de carta a amigo, sobre ter recebido o primeiro prêmio internacional de gravura na 2ª Bienal do México: “Parece que aqui, em geral, a onda contra mim não é muito grande – afinal sou um gravador que executa seu trabalho com ardor e fé, e amo meu ofício”, e ainda: “Que surpresa foi a minha ao receber notícia de tão alta distinção – com 65 anos, fora de moda e ainda premiado. Parece um sonho! É verdade que sempre acreditei em contos de fadas” (Reis Jr., 1966).

Também esse autor refere comentários que fez ao próprio, sobre o mesmo prêmio: “O coração quase me pregou uma peça, quando li meu nome com o primeiro prêmio!”.

E relata comentários sobre o artista, de Rachel de Queiroz na edição de 1º de julho de 1944 da “Folha Carioca”: “Que estranho homem será esse que envolve as nossas emoções mais subterrâneas com suas figuras de pavor, de solidão e de tristeza?”, e ainda: “Parece que o mundo dostoiévskiano é um ambiente seu, uma atmosfera propícia onde mergulha sem se sufocar”; assim como os de Fayga Ostrower: “...é um homem que chega a realizar seu potencial criador, que à plenitude da vida consegue opor a plenitude de um mundo interior”, na revista “Para Todos”, na reportagem “O mundo do silêncio”.

No mesmo livro está transcrito de Jorge Amado para o jornal “Hoje” em 19 de setembro de 1960:

“Se alguém merece de seus patrícios respeito e amor, se alguém merece a gratidão de seu povo pelo muito que lhe tem dado, por sua contribuição ao enriquecimento espiritual da nação, esse alguém não o merece mais do que o gravador Oswaldo Goeldi, modesto em seu *atelier*, criador de beleza e humanismo”.

Também no livro de Reis Jr., é transcrita a entrevista que fez à Revista da AABB de novembro de 1955 a Antonio Fontes:

“Não sou propriamente um professor, mas sim um orientador. Há uma parte técnica em toda manifestação artística que deve ser ensinada por quem tem mais experiência; mas a parte da criação é puramente interior e querer guiá-la ou dar-lhe orientação seria mutilar a personalidade do artista. Faço assim não só com as crianças da Escolinha, mas também com os alunos da Escola Nacional de Belas Artes. Cada um deve seguir as suas próprias tendências, sem se apegar a escolas ou outros grupos”.

Já na entrevista “Goeldi e sua arte”, para Anna Letycia, em 1 de novembro de 1956 na revista “Para Todos”, refere: “Não fiz da gravura uma forma mecânica, ainda tenho esperanças, faço descobertas e gravo com a mesma satisfação de há 40 anos. Terei sempre muita coisa a dizer e sonho ainda introduzir inovações que tenho na cabeça e não consigo realizar” (Reis Jr., 1966).

E a Ferreira Gullar, “Artes Plásticas” no Jornal do Brasil em 1º de novembro de 1957: “desenho primeiro sobre a chapa, dispondo as zonas de cor, de massa preta, os brancos e só gravo quando considero que a ideia está clara”. E continua: “Lutei com muita dificuldade, pois não sendo pintor, minha experiência com a policromia era reduzida...Usei a cor com um sentido diferente do decorativo, meio simbólico, meio fantástico” (Reis Jr., 1966).

Após mostrar a coleção de gravuras a Manuel Bandeira, que a considerou estupenda, fez com que este último apresentasse a produção de Goeldi “Dez Gravuras em Madeira” e assim o descrevesse: “rapaz anguloso, de nariz duro, olho metálico”, e o definiu: “um mundo interior riquíssimo abria-se ali, atestando uma força de concepção, uma magistralidade de traço, um senso dramático da paisagem urbana, que nos enchia de pasmo”. Continua: “A imaginação de Goeldi tem a brutalidade sinistra das misérias de grandes capitais, a soledade das casas de cômodos onde se morre sem assistência, o imenso ermo das ruas pela noite morta e dos cais pedrentos batidos pela violência de sóis explosivos”, e explica: “arte de panteísmo grotesco, em que as coisas elementares, um lampião de rua, um poste, a rede telefônica, uma bica de jardim, entram a assumir de súbito uma personalidade monstruosa e aterradora”. Finaliza: “Um admirável artista”.

Chama a atenção sobre os “seres urbanos que partilham a cor da cidade” o crítico Rodrigo Naves (1999), “ruas e praças irregulares e estreitas que se perdem em meio a velhos casarões”. Reflete, ainda, sobre os personagens, que “levam uma vida que não oculta a fragilidade humana”.

Ronaldo Brito (2002) tece interessantes comentários a seu respeito: “seu eu autônomo e estranhado no mundo, sua matéria estética sofrida, com uma aflita narrativa lírica, bruto, artesanal...não conta, diz; não ilustra, mostra”. Esse mesmo autor reflete sobre sua “negação da obra única, mas que ao mesmo tempo são praticamente únicas, se opondo ao *ready-made*”. Considera que “espia, reflete e exprime”, de forma a ter uma “empatia com o outro, a presença dos excluídos, dando visibilidade ao que preferia conservar-se invisível...segue nos aconselhando e assustando pelo resto da vida”. Sobre a obra, diz: “amor ancestral pela madeira, madeira que é viver, não só veículo nem contracultura, mas objeto de culto”. E segue: “mediação da natureza e a cultura, a arte e a vida, em uma experiência visual intensa e duradoura, de ímpeto comunicativo, com angústia expressionista que é austera e muda, com tempo existencial

lento, cheio de vazio, um sentimento sempre dolorido”. E termina: “transfigura o imediato, o banal, o simples, escurece o mundo enquanto o ilumina, usando a cor se contrapondo à trama intrínseca do preto e branco, estampando um mundo obsessivamente introvertido”.

No seu capítulo sobre a exposição da coleção Hermann Kümmerly, Ferreira Gullar (2007) conta sobre as 157 obras doadas ao amigo, de um Goeldi jovem (entre 1910 e o início da década de 20), ainda utilizando-se bastante de desenhos bico-de-pena, às vezes carvão, aquarela e litografia, posto que após 1924 é que inicia com as xilogravuras, com grande influência de Alfred Kubin. Uma obra na qual a pobreza de recursos técnicos, a primitividade, se opõe à sofisticação moderna. E nos referências ao suplemento dominical do Jornal do Brasil em 1958, quando o artista comenta sobre seu isolamento e sua fascinação por Munch e Gauguin.

Na mesma publicação, Otto Maria Carpeaux define sua arte como silenciosa, na qual a vontade artística é soberana, de um artista “solitário, rodeado pela solidão maior dos seus personagens, das suas paisagens, dos seus sonhos”. E, ainda, transcreve um trecho de uma carta de Kubin de 1936, na qual se remete à proximidade da arte de ambos e também com a de Munch, assim como da “fidelidade tão absoluta a si mesmo” e da “revelação de um mundo que não pode nem deve ficar esquecido”.

Na curadoria de Paulo Venâncio Filho (2012) para a exposição no MAM-SP, “Sombria Luz”, o autor reflete: “sombriamente iluminado é o mundo de Oswaldo Goeldi”. E segue: “não existem massas, só figuras isoladas e silenciosas. Homem e ambiente hostis, efeito que consegue com um mínimo de elementos, que deu a uma técnica arcaica – a xilogravura – uma potência moderna”. Considera que “o trabalho se sustentava em ter que construir para si o que a sociedade não expressa e cala...um mundo esfacelado onde a angústia parece querer deixar o papel”. E sobre as imagens: “mudas incomodam porque rejeitam a proximidade e a intimidade, incomodam pela impossibilidade de nela nos apoiarmos como um indivíduo furtivo que está sempre a surpreender o inesperado, o despercebido, e a arrancar disso uma imagem gelada”. Tece considerações sobre o estilo de ser do brasileiro, sua realidade exterior expansiva, porém se contrapondo à interior, esta vazia. Comenta: “um enfraquecimento e um desânimo abatem o indivíduo, que não encontra nenhuma solidariedade num mundo que não tem motivos para isto...as presenças constantes do urubu e do abutre, lembrando da dissolução das coisas, o fim que pode estar próximo, do qual eles são permanentes avisos”. Chama de figuras goeldianas “poucas vezes são vistas de frente...o olhar do espectador parece ameaçá-las...enfrentam o mundo de costas”, e quanto ao cenário goeldiano “é fronteiro – existem postes de luz, mas não automóveis”. Conclui: “Não há em Goeldi uma revolta, senão um amor conflituoso pelas coisas”.

Em catálogo de educativo da exposição “O ateliê de Oswaldo Goeldi” ocorrida em 2012 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Daina Leyton se baseia em entrevista de Goeldi a Antonio Fontes, registrada na revista da AABB em 1955, sobre a expressão do artista daquilo que o “assaltava”, assim como sua reflexão de que “parte técnica em toda manifestação artística que deve ser ensinada; mas a parte da criação é puramente interior”.

As gravuras de Goeldi na Biblioteca Nacional

Augusto Herkenhoff (artista visual, trecho da dissertação de mestrado em museologia – Unirio – orientador Bruno Brulon)

Museus, arquivos e bibliotecas têm mudado seu posicionamento de uma atitude passiva ampliando escopo com outros fins que interfiram de forma mais contundente e ativa na vida das sociedades, propondo experiências presenciais ou virtuais com as instituições e seus acervos. O aprendizado, a preservação da herança da sociedade, o acesso e a proteção à informação podem ser maiores se houver uma colaboração entre essas instituições, especialmente na democratização do acesso (YARROW e cols., 2008).

Nesse âmbito, inclui-se a coleção de gravuras de Oswaldo Goeldi, inseridas na coleção de gravuras avulsas da Biblioteca Nacional (BN). Vem sendo digitalizada, em dezembro de 2017 estavam disponíveis 60 gravuras em acesso na base Sophia, (plataforma digital da BN para o registro e catalogação de sua coleção). Em junho de 2019, apareciam 134 itens ao se colocar as informações: autor - Oswaldo Goeldi, e material – gravuras (há ainda matrizes, desenhos). Houve, ainda, algumas modificações na ficha de informações, como por exemplo, a troca do número de tomo para o número de Classificação Decimal Dewey (CDD), além de retirada de informações como, por exemplo, a procedência.

A obra de Goeldi foi a primeira entre a de artistas nacionais a ser digitalizada, alguns fatores colaborando para tal decisão segundo a equipe da BN: o projeto de uma empresa de digitalização, a importância do artista e da coleção, com um grande número de peças já registradas, catalogadas, localizadas, ou seja, com o processamento técnico já realizado, além da cessão de direitos de imagem autorizada pelos herdeiros.

Em 1994, fui contratado pela Editora Salamandra, hoje Editora Sextante, como auxiliar da pesquisa iconográfica para a edição de um livro sobre a Biblioteca Nacional. Foram 12 meses de muito trabalho e muitas descobertas. Sempre me fascinou saber da existência de um acervo de grandes proporções, na Seção de Iconografia da BN, que guarda uma coleção de gravuras avulsas. E, mais ainda, poder trabalhar e conhecer melhor esse acervo.

Passados mais de 20 anos da publicação desse livro sobre a BN, fui aprovado para ingressar no PPG-PMUS da UNIRIO e do MAST, me colocando diante das questões, em especial da guarda de uma parte específica desse acervo. A comunicação das obras de um artista da importância de Oswaldo Goeldi, para a gravura no país, como artista e como disseminador da técnica. Tais obras foram produzidas ao longo de sua carreira, a maioria sem ano definido de sua produção, e uma parte importante, aproximadamente metade, é póstuma em tiragens de Reis Junior e (apenas duas) de Noemi Ribeiro.

Um olhar sobre o acervo das gravuras da BN vem sendo ampliado e aperfeiçoado e em especial em livros e exposições que tratam de arte internacional e brasileira, com recorte sobre um período de tempo desde o Renascimento até a arte contemporânea. Muitas publicações na área de estética e de história da arte utilizam-se desses acervos, com estudos aprofundados, tendo por base as gravuras mantidas na BN.

A coleção de OG da BN não é a mais completa do artista, entretanto é uma coleção muito expressiva, em grande parte devido à combinação de compras e doações do acervo de sua primeira herdeira, a poetisa Béatrix Reynal. O fato de se encontrar em uma biblioteca, e não em um museu, não dificultou que, em diversas vezes, a coleção tenha sido exibida ao público, seja por meio de exposições e/ou em publicações, organizados pela BN ou, em sua maior parte, por outras instituições e curadores. Ao mesmo tempo, a coleção encontra-se completamente digitalizada, e com disponibilidade de muitas informações a respeito das obras, seja título, dimensão, técnica, ano nos casos em que há a referência, procedência, se há matriz. Em alguns casos há, ainda, a referência sobre onde foi publicada e/ou exposta. Embora as informações não estejam completas como, por exemplo, quando passou por restauro e de que tipo, ou mesmo como vem sendo conservada – algumas dessas informações só estão disponíveis através de pesquisas específicas aos anais da BN – trata-se, provavelmente, da maior coleção completamente digitalizada do artista, com as respectivas informações, possibilitando o contato com a trajetória do artista e com sua obra pelo grande público.

A importância de uma coleção de gravuras e desenhos de um artista brasileiro em uma instituição brasileira que contabiliza um acervo importantíssimo de obras e livros, mundialmente importante, é extraordinária e admirável. Oswaldo Goeldi fez de sua obra uma verdadeira ópera e saga épica: com temas mundanos e sombrios da vida cotidiana, essencialmente do Rio de Janeiro e Niterói. Descortinou uma alavanca para um debate de ideias e pesquisas no Brasil modernista, tornando-se um “expressionista modernista”. Com temas absolutamente genuínos do Brasil, sua obra enveredou para uma narrativa densa e lírica. A sua vida de artista foi muito dura do ponto de vista financeiro. E encontrou no grande conjunto de amigos que o artista colecionou em vida uma forma de musealizar e preservar sua produção gráfica. Essencialmente um gravador, Goeldi encontra-se preservado, musealizado e muito acessível ao público nas obras que compõem esse acervo da BN.

Vale ressaltar que outros projetos no Brasil também cumprem em maior ou menor grau essa função de tornar as obras do artista Oswaldo Goeldi acessíveis, em especial o Projeto Goeldi (2019), com inúmeras imagens, mas sem informações das obras; com número muito menor de obras, a enciclopédia Itaú Cultural (2019); a Pinacoteca do Estado de São Paulo (2019) com informações sobre 41 obras, mas sem as imagens; o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA, 2019), detentor de grande coleção, em sua página se refere a apenas uma gravura de OG, embora tenha editado um catálogo organizado por Laura Abreu (2008) com 191 gravuras e 131 matrizes; e o Museu do Ingá (2019), que abriga a coleção Banerj, disponível de forma digital com algumas informações e imagens.

Embora atualmente o artista Oswaldo Goeldi seja bem conhecido no contexto nacional, esse reconhecimento foi se dando aos poucos durante a sua carreira. Nasceu no Brasil, onde viveu alguns anos da infância, entretanto é enquanto morava na Europa que desiste do curso de engenharia e se dedica à arte, buscando professores, não se adaptando a instituições tradicionais, retornando ao Brasil já como um artista novato aos 24 anos. Mas em terras brasileiras é que vai se apoderar da técnica da xilogravura, tão marcante em toda sua obra. Durante boa parte de sua vida precisa ilustrar para sobreviver, embora tenha

tido apoio importante de alguns amigos. Admirado por Di Cavalcanti, por Kubin com quem trocou correspondência, descrito por Carlos Drummond de Andrade em verso e prosa, e protegido pelo casal Béatrix Reynal e Reis Junior que o abrigam em sua casa durante alguns períodos assim como compram suas obras. Na Escolinha do Brasil era um dos poucos que tinha salário porque dele precisava, e entra como professor da Universidade do Brasil nos seis últimos anos de vida. Aos 65 anos recebe o primeiro prêmio na Bienal do México, possibilitando um maior reconhecimento também no Brasil.

Muitos autores falaram sobre ele, tanto em vida, como Rachel de Queiroz, Fayga Ostrower, Ferreira Gullar, Jorge Amado, Anna Letycia, Antônio Fontes, Manuel Bandeira, e outros tantos após a sua morte: Reis Junior, Rodrigo Naves, Ronaldo Brito, Otto Maria Carpeaux, Paulo Venâncio Filho, Noemi Ribeiro, Daina Leyton e sua sobrinha-neta Lani Goeldi. Através desses autores foi traçada uma cronologia de sua vida e carreira, assim como alguns posicionamentos do artista.

A coleção de obras de OG na BN é de importância considerável para o campo da arte e para o patrimônio nacional, tanto por sua qualidade reconhecida no campo quanto pelo número de obras. Em especial as gravuras, um pouco mais de uma centena, foram sendo incorporadas ao acervo da instituição por meio de aquisições e doações, muitas delas impressões póstumas. Diversas características do artista estão presentes na coleção: gravuras em preto e branco, gravuras com uma cor além do preto e branco, gravuras com mais de uma cor, os tons sombrios, os temas mais frequentes na obra do artista são abordados, assim como seu trabalho para a impressão de importantes publicações literárias. A coleção está completamente digitalizada e já foi utilizada em diversas publicações e exposições.

Esta coleção da BN foi sendo construída ao longo do tempo de uma maneira extremamente orgânica. Não teve um projeto pré-estabelecido de aquisição dessas obras. Parte foi comprada. Parte foi reimpressa postumamente, por Noemi Ribeiro e principalmente por Reis Junior, estando a coleção em processo de crescimento, estudo e conservação. Passados quase 60 anos da morte do artista, os tempos mudaram e sua obra vem adquirindo maior valor.

As obras assinadas por OG foram sendo incorporadas paulatinamente à coleção de iconografia da BN, por meio de compra e doação, em especial da primeira herdeira do artista, Béatrix Reynal. As obras assinadas “Luar” e “Retirantes” (provenientes da coleção de Gunther Pape) e “Mendigas” (Bettelweiber - feiticeiras) são procedentes de doação de Béatrix Reynal. Na coleção digitalizada, não há referência da procedência das outras que são assinadas.

Muitas obras foram compradas, e no sistema da biblioteca pode-se saber o ano, entretanto as informações sobre: proveniência, valor, como foi incorporada ao acervo, entre outras, não estão disponíveis em muitos dos casos analisados.

Da mesma forma, obras doadas nem sempre têm o nome do doador, mas sempre está especificado o ano da doação.

As obras póstumas em sua maioria vieram da coleção de Béatrix Reynal, inicial herdeira do artista através de testamento (após seu falecimento em 1994, sem herdeiros, o acervo retornou à família de OG). Esse grupo de obras é composto por muitas tiragens realizadas por seu marido Reis Junior entre 1973 a 1975. É o caso das 29 seguintes obras: Cobra no lago (ilustração de Cobra Norato), Mar Morto (ilustração do livro), Subúrbio, Aparição Macabra, Beco, Briga na Praça, Cabeça de Pescador, Desespero, Dos Pescadores, Freiras, Fugindo do Cão, Fundo do Mar, Gaivotas, Garça no Jardim, Gato e Cabeça de Peixe, Gavião, Beco, Mulher Passeando, Paisagem Urbana, Peixaria com Garrafão, Pescador de Siri, Retirantes, Sobrados, Sol, Solidão, Solitário, Três Pescadores, Vida Noturna, Visão Noturna.

Há, ainda, duas obras póstumas da tiragem realizada por Noemi Ribeiro para o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA): Pescadores e Pedra da Gávea, e Urubús.

Na Seção de Manuscritos há alguns documentos que ajudam a esclarecer a formação da coleção: recibos de compra e venda assinados por Marcelle Jaulent dos Reis (cujo codinome era Beatrix Reynal), testamento de OG, documento de doação à BN por Marcelle e editor Julio Pacelli.

Também na visita à BN se evidenciam obras que não estão na página da mesma na coleção de OG por fazerem parte de livros numerados por esse editor, como é o caso de História da Gravura Brasileira e Imagens de Rio de Janeiro.

A BN é um dos locais onde se escondem tesouros de OG a serem desvendados e fruídos.

ABREU, Laura. **Oswaldo Goeldi – desenhos, matrizes e gravuras**. Museu Nacional de Belas Artes, 2008.

BN, 2017. http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em 01/01/17.

BN, 2019. <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/gabinete-de-obras-maximas-e-singulares/>

BRITO, Ronaldo. **Oswaldo Goeldi**. Coordenação: Silvia Roesler; biografia: Vera Beatriz Siqueira; entrevista: Ferreira Gullar; cronologia: Noemi Ribeiro. Instituto Cultural The Axis, 2002.

COCCHIARALE, Fernando. **Gravura de arte no Brasil – proposta para um mapeamento**. Catálogo da exposição. Curadoria: GEIGER, A. E MATTOS, A. Centro Cultural do Banco do Brasil.

FBN - **Fundação Biblioteca Nacional**. 2004. Ed Banco Safra.

GOELDI, Lani. **O ateliê de Oswaldo Goeldi**. Catálogo, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2012.

GULLAR, Ferreira. In: **Goeldi, Luz Noturna**. Ed. Caixa Cultural, 2009.

HERKENHOFF, Paulo. **Biblioteca Nacional: a história de uma coleção**. 1996. Ed Salamandra.

LEYTON, Dayna. **O ateliê de Oswaldo Goeldi**. Catálogo, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2012.

MNBA, 2017. Disponível em: <http://mnba.gov.br/portal/colecoes/gravura-brasileira>. Acesso em 02/01/17.

Museu do Ingá, 2019. Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/museu-do-inga>. Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

NAVES, Rodrigo. **Goeldi**. Ed. Cosac Naify, 1999.

OSWALDO Goeldi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10588/oswaldo-goeldi>>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

PEREIRA, Paulo Roberto. (org). **500 anos de Brasil na Biblioteca Nacional**. Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

Pinacoteca, 2019. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

PROJETO GOELDI. Disponível em: <http://oswaldogoeldi.org.br/index.html>. Acesso em 20/03/18.

REIS Jr, José Maria. **Goeldi**. Ed. Civilização Brasileira, 1966.

RIBEIRO, Noemi. **Goeldi**. Catálogo da exposição 2005 Museu da República.

VENANCIO Fº, Paulo. **Sombra e Luz**. Ed. MAM-SP, 2012.

ZILIO, Carlos. **“O outro do Modernismo”**, in Oswaldo Goeldi, catálogo da exposição “Bienal Brasil século XX”.

“There is a crack, a crack in everything.
That's how the light gets in”
Leonard Cohen - Arthem

Oswaldo Goeldi: a gestão da luz.

Carlos Vinicius S. Taveira (Mestre em teoria da história pela PUC-Rio e doutor em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio)

Na música Arthem de Leonard Cohen, encontramos os seguintes versos: “There is a crack, a crack in everything. That's how the light gets in” que podemos traduzir de uma forma literal como “existem fissuras em tudo. E é por ali que a luz entra”. Essas palavras podem servir de introdução para pensarmos a obra de um grande expoente do modernismo brasileiro, o artista Oswaldo Goeldi que é o homenageado dessa exposição e catálogo, e fonte de inspiração para as obras que veremos nas próximas páginas.

Antes de entrarmos nessas folhas repletas de história e arte e que emulam um sentimento de caminhar que presenciamos em muitos trabalhos de Goeldi que mostram o ambiente urbano e personagens o ocupando no ato de flunar, deixo meu agradecimento aos artistas que procuraram pensar com seus trabalhos a herança deixada por Oswaldo Goeldi que chega aos nossos dias e que continuará na história. Em outra vertente, um agradecimento especial a galeria Zagut, nos nomes de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff pela ideia de reverenciar o gravurista brasileiro de maior renome internacional e criador de imagens icônicas do imaginário das artes.

Introdução.

A vida de Oswaldo passa por diversos lugares, tanto no Brasil, quanto na Europa. Talvez o termo que chame atenção desde o início seja que Goeldi foi um artista que soube como poucos, pintar o que podemos chamar de “passagens”, e sobretudo, criar uma linguagem e identidade própria para seu trabalho que são uma marca original na arte brasileira. Abordá-lo como um autor de “passagens”, remete a dialogar com a última obra inacabada do filósofo Walter Benjamin que tem o título de Passagens.

O livro está repleto de “trechos”, ou “citações” organizadas por letras e temas. Não é possível apontar com absoluta certeza qual seria o projeto geral do livro, mas podemos expor e dialogar com o que foi produzido e também com outras referências da obra de Benjamin. Como dito, o autor passou a colecionar orações, ou melhor, citações de textos distintos, pare serem lidos como passagens.

Uma passagem é um atravessamento, um espaço “entre” que leva de um ponto a outro. Mas também pode ser interpretado como um fragmento de um texto, ou mesmo uma frase. Pode ser simplório, mas é complexo afirmar que uma passagem é algo que somente faz passar, pois elas deixam algo no passante. As passagens de Benjamin são feitas da matéria que se fazem os textos, e também algo além, se materializando em ruas e espaços urbanos. Não é mera coincidência o livro “passagens” ter o famoso capítulo introdutório “Paris capital do século XIX”, em que a modernidade da cidade europeia é vislumbrada principalmente por uma perspectiva advinda das ruas.

A modernidade de Paris no século XIX não está somente nas construções arquitetônicas que exploram o ferro e o aço, ou até mesmo nas largas avenidas

e em sua iluminação elétrica que se espalhava. A modernidade está posicionada, entre outras, nas contradições que tiveram seu palco nas ruas da cidade. São espaços de convivência em que as fronteiras são fluidas entre o que parece ser vanguarda e mais progressista, e o que é arcaico e considerado abjeto pela sociedade que pretende esconder ou dissimular.

Pensar as ruas e suas contradições, é de alguma forma estabelecer uma conversa com nosso personagem artístico Oswald Goeldi que colocou em seus desenhos inúmeros espaços urbanos, em princípio, não muito acolhedores, mas com uma estética envolvente e com personagens amplamente expressivos. Nascido no Brasil, mudou-se para a Europa ainda jovem e desenvolveu seus estudos sobre arte em um espaço contaminado pelo pensamento das vanguardas que se espalhavam pelo velho continente. Entre essas, podemos posicionar que o expressionismo é a que sequestra nossa percepção em seus trabalhos de imediato ao saltar sobre nossos olhos traços que lembram grandes artistas europeus.

Porém, essa estadia europeia duraria pouco tempo, retornando ao Brasil, mais especificamente, ao Rio de Janeiro, em 1919. Nesse período trabalha como ilustrador de revistas e jornais e realiza uma exposição no Liceu de Artes e Ofícios em 1921, que sofreu inúmeras críticas negativas na imprensa. Era a década de vinte e o ambiente do circuito das artes ainda respirava pouco o ar das vanguardas europeias que iriam se materializar mais fortemente com o advento da semana de 1922 em São Paulo.

Abertura ao modernismo.

Na década de vinte do século passado, o tradicional conceito das artes no Brasil apresentava pequenas fissuras e já incorporaria algumas ideias consideradas modernas. Em São Paulo a semana de arte moderna de 1922 reuniu nomes de diferentes linguagens artísticas que buscavam inovar em seus respectivos campos de atuação. Em seus cartazes de divulgação do evento já era possível vislumbrar o uso gravura em estilo de xilo, ou seja, construída sob o suporte da madeira e que não era valorizada dentro. Esse detalhe já demonstrava um distanciamento dos limites impostos pelo pensamento clássico das belas artes que caracterizou o desenho como um campo que envolvia somente a pintura, a escultura e a arquitetura deixando a gravura em um segundo plano hierárquico.

Essa mudança de paradigma, posicionando a gravura, e outras artes em igualdade com outras linguagens foi um embrião da década de vinte que abriu espaço para as fases mais reconhecidas de Oswald Goeldi pelo público que são as gravuras produzidas das décadas de trinta em diante. Entre essas, existem as que fizeram parte de livros de Dostoiévski na década de quarenta, e de Cassiano Ricardo nos anos cinquenta.

De sua primeira passagem pela Europa a grande influência no seu trabalho foi do ilustrador austríaco Alfred Kubin. São os trabalhos de Kubin com cores marcadamente escuras, e sujeitos com semblantes aparentemente soturnos, em alguns casos beirando um ar romântico, que serviram de base para o desenvolvimento da linguagem própria de Goeldi. Além disso, Kubin trabalhava com ilustrações de livros, algo que Oswald se dedicará e terá reconhecido sucesso no Brasil e no exterior.

O tom escuro desenvolvido por Goeldi foi na contramão do colorido da brasilidade proposto por grandes nomes da semana de 1922 como Tarsila Amaral. Esta última, tem seu trabalho marcado por personagens disformes e uma apropriação visual da natureza brasileira, valorizando uma linguagem expressiva em escala cromática variada. Goeldi, propõe uma outra via: explorar não os elementos que formam uma natureza relacionada as cores fortes, e sim, a presença maciça de diversas tonalidades escuras, e uso quase que cirúrgico das cores brancas e de tons de vermelho, azul e laranja.

Se observarmos a mais conhecida de suas obras nominada popularmente de “O guarda-chuva vermelho” o primeiro detalhe que chama atenção é o fato de ser uma gravura. Trata-se de uma técnica relativamente desvalorizada em alguns círculos, que ainda consideram a pintura como a arte suprema do desenho. Em um quadro vai-se sobrepondo camadas de tinta até se chegar ao objetivo almejado por seu criador, ou seja, a tela é uma base de construção. É algo que vai ganhando suplementos de tintas e outros possíveis objetos, sendo que somente na arte contemporânea que se convencionou a possibilidade de outros tipos de intervenções como costurar, rasgar, e até mesmo outros tipos de incisões.

Já na gravura o suporte de criação da imagem é algo dilapidado para formar o desenho que se quer transferir. São criados sulcos no material que pode ser diverso como madeira, pedra ou outros, da qual, serão preenchidos por tinta no momento de impressão, ou por outro pigmento em intervenção posterior. Nisto, a transferência da imagem ocorre como uma espécie de organização parecida ao de um negativo fotográfico que possui o inverso do que será o produto final da fotografia no papel. O artista demarca as linhas limítrofes do objeto figurativo em um quadro, enquanto na gravura, são delineados seu inverso na forma do conteúdo que estará presente no momento de contato entre a madeira e suporte da imagem.

Com isto, a gravura como técnica inverte o processo tradicional da pintura, mas mantém uma correspondência com o desenho. Adiciona-se o fato que é um desenho que pode ser replicado há séculos com facilidade, na possibilidade de ser espalhar na circulação na sociedade. Sobretudo, quando ocorre o somatório de uma linguagem escrita, com outra de presença imagética composta por desenhos, figurativos ou não.

Ainda na xilogravura “o guarda-chuva vermelho”, a imagem de um homem sozinho perante um ambiente dominado pela cor escura, em um dia chuvoso segurando um guarda-chuva que destoa de todo o ambiente com a presença de uma cor forte e vibrante, cria um contraste que envolve nosso olhar de maneira única. O personagem que solitariamente segue um caminho, ou melhor, uma passagem gera uma ambiguidade e uma especulação sobre sua subjetividade. Não podemos distinguir com clareza a fisionomia do indivíduo que tem metade de cima do corpo coberta pelo guarda-chuva, mas a potência da cor escolhida gera uma ambiguidade com o envoltório frio da cena, levando a crer que a luz forte do objeto reflète alguma característica do personagem.

Acompanhado da movimentação criada pela escolha minuciosa das cores a cena parece se desenrolar em uma caminhada simples, mas que gera uma apreensão por não podemos ter um controle visual de todo seu desenvolvimento e movimento. Como dito anteriormente, não temos acesso à face do personagem, ou mesmo a algum elemento que expresse com maior densidade sua subjetividade. Porém, sob outra vertente podemos imaginar o quanto a cor

pode assumir um caráter simbólico em toda a cena. Os tons claros parecem estar no horizonte do personagem, e em alguns pequenos fragmentos do seu entorno, do qual, não sabemos se ele está observando. Nesse mesmo sentido o guarda-chuva poderia ser uma metáfora otimista perante todo o ambiente.

Existe um “entre” que Oswald Goeldi explora com maestria: não nos é entregue se a situação narrada em suas obras possui um aspecto positivo ou negativo. No momento que pensamos que as sombras imperam, é que justamente encontramos uma gestão cromática que aponta em outra direção. Em outras palavras, é como se o íterim da passagem mantivesse a certeza da incerteza. Existe um vazio que nos lembra o pintor americano Edvard Hopper, contudo, com a diferença dessa melancolia ter como palco espaços abertos.

O expressionismo de Goeldi coloca em dúvida se as ruas são um espaço de acolhimento dos corpos dos personagens. Alguns indivíduos parecem prestes ao risco de alguma violência, outros parecem ser protegidos pelas sombras. Existe em alguns momentos uma sensação de denúncia por parte do artista, em outros o fato de estar nas sombras parece uma proteção.

Trata-se de explorar um labirinto de possibilidades. Um espaço em que depois da curva viria outra, e assim por diante, sem ter um total domínio situacional de todo o contexto. A presença da ambiguidade é tão constante que não é possível definir se somos Ícaro, Perseu, ou mesmo o Minotauro, ou um devir entre esses.

É nesse interstício que podemos posicionar Oswald Goeldi como um dos maiores artistas brasileiros. No labirinto no qual as obras do artista nos posicionam, podemos desdobrá-lo para outros ambientes e explorações. Na década de cinquenta enquanto era premiado pela Bienal, Goeldi era uma das inspirações para parte de jovens que iniciavam movimentos artísticos como o concretismo. Passados sessenta anos de sua morte essa influência chega nas próximas páginas. São novas passagens criadas por artistas que passaram por Goeldi em algum momento. Tome um personagem e, também, se passe por eles.

Bibliografia

BRITO, Ronaldo; ROESLER, Silvia. **Oswaldo Goeldi**. Rio de Janeiro: S. Roesler Edições de Arte: Instituto Cultural The Axis, 2002

HERKENHOFF, Augusto Emilio Estelita, A comunicação das gravuras de Oswald Goeldi sob a guarda da Biblioteca Nacional. Dissertação (mestrado) – Unuversidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação em museologia e patrimônio, 2019.

Oswaldo Goeldi e o Projeto Goeldi: a difusão e a perpetuação de sua obra

“Nunca sacrifiquei a qualquer modismo o meu próprio eu. Caminhada dura, mas a única, que vale todos os sacrifícios.” Oswaldo Goeldi Junho/1949

Lani Goeldi (sobrinha-neta de Oswaldo Goeldi, presidente da Associação Artística Cultural Oswaldo Goeldi e curadora do Projeto Goeldi)

É pertinente ressaltar que o trabalho do artista-gravador, ilustrador e professor Oswaldo Goeldi (Rio de Janeiro, 1895-Rio de Janeiro, 1961) foi seminal na contribuição da história da gravura no Brasil. Como filho do naturalista e zoólogo suíço Emílio Goeldi (1859-1917) e da carioca Adelina Meyer (1869-1953), Goeldi desde muito cedo esteve ligado às correntes artísticas e de vanguarda da Europa, sofrendo, assim cremos, certa influência dos ambientes artísticos e da obra de artistas europeus. Passa então a produzir uma obra profundamente ligada aos elementos inanimados da cidade em que vivia, enfoca a noite e o dia ensolarado, a solidão e/ou a finitude dos seres viventes, os animais (sempre muito presentes) em suas gravuras, e posteriormente sua obra – antes apenas em preto e branco – passa a se encher de cor. Colorido parcimonioso de alguém que conhecia muito bem seu ofício. Desenhou, gravou e ilustrou livros, revistas e jornais por muitos anos, aceitando encomendas sempre que conseguia.

Em 26/3/1938, Goeldi volta a Belém do Pará, uma última vez, terra de sua infância, passada à época dentro do antigo parque zoológico, fundado em 1895 e que hoje leva o nome de seu pai – Museu Paraense Emílio Goeldi. Lá, comparece à biblioteca do Arquivo Público da cidade, assina o livro e, ao ser descoberto pelos cidadãos, promete que um dia voltará a se apresentar ali, com seus desenhos e suas gravuras. Ele acaba retornando (in memoriam) em uma grande retrospectiva engendrada pelo Projeto Goeldi, em 2011, no Museu da Universidade Federal do Pará. Foi a primeira vez que o artista se apresentou em uma pequena retrospectiva na capital do Pará.

Sua obra era profunda, áspera e incomum demais para se curvar à eterna alegria dos olhos daqui. Como este, outros mestres passaram pelos mesmos desafios – incredulidade, desconfiança e falta de conhecimento em relação ao que se produzia em terras europeias. Seus preceitos e força de caráter o identificavam como um artista eremita, no entanto tinha consciência de que sua obra era resultado de um trabalho incansável e preso, de fato, a uma só técnica. Em 1951, Goeldi é agraciado com o Prêmio de Gravura Nacional na I Bienal Internacional de São Paulo e na sequência, em 1955, é contratado como professor de gravura na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1960, recebe nova premiação na II Bienal Interamericana do México. Falece sozinho, em seu apartamento no Rio de Janeiro, em 15/2/1961, uma Quarta-Feira de Cinzas, e que neste ano lembramos sua efeméride de 60 anos de seu falecimento.

Sobre o Projeto Goeldi

O Projeto Goeldi, instituição sediada em Taubaté (SP), existe desde 1978 e tem o objetivo de recolher, valorizar e perpetuar a obra de Oswaldo Goeldi. Desde 1997 juridicamente constituído, é também responsável por uma série de exposições nacionais e internacionais, que, por conseguinte, revelam a importância desse gravador a um país de dimensões continentais como o nosso. No bojo de tais mostras e acompanhando a obra de Goeldi, o Projeto Goeldi (<http://oswaldogoeldi.org.br>) contribui de forma decisiva para a formação de público especializado nas artes visuais, que sobretudo valoriza a gravura brasileira.

Também estão entre as responsabilidades do Projeto Goeldi a reunião e expertise de todo o conjunto visual gravado e produzido pelo artista, a catalogação e a organização de todo o material documental, iconográfico, artístico, pessoal, intelectual e correlacionado. São obras em gravura, desenhos e nanquins que contabilizam ainda matrizes, objetos pessoais, livros e documentos, entre outros. Esse tipo de ação visa, preservar e divulgar a obra de Goeldi, antes de tudo, evitar que pelo desconhecimento ou pelo descaso esse conjunto se perca, uma vez que o artista não deixou descendência direta além de seus sobrinhos, filhos de seu irmão mais novo Edgar Goeldi.

O Projeto Goeldi fomenta e aplaude toda e qualquer iniciativa que ressalte a obra de Oswaldo Goeldi. A poética desse artista-gravador, antes e depois de seu falecimento, já foi exposta em mais de 100 exposições nacionais e fora de nossas fronteiras. É uma obra seminal e fundamental no que concerne à gravura nacional, cumprindo a missão de representar com galhardia o melhor de nossa arte. A xilogravura, considerada a mais antiga dentre todas as técnicas, encontrou em Goeldi um digno representante, e almejamos que outras iniciativas constantemente ocorram para que este e outros representantes de tão democrática técnica sejam evidenciados.

A obra de Goeldi continua viva, ativa, comprovando através da reunião de seus trabalhos um Brasil humano, verdadeiro, contemporâneo, como o que está evidenciado aqui. A gravura-luz de Goeldi não reconhece fronteiras e merece o melhor de nós. Assim, nos é lícito dizer que Goeldi foi um artista íntegro, dramático, trágico e complexo em sua obra e ao mesmo tempo suplantou desafios em um ambiente despreparado para aceitar o novo, mantendo-se fiel única e exclusivamente ao seu trabalho. Portanto, esperamos que mais e mais pessoas fruam suas obras, precioso legado de um artista atemporal.

GOELDI 126 ANOS

Noemi Ribeiro (Gravadora e Historiadora da Arte)

Oswaldo Goeldi trabalhou, durante vários anos, em silêncio e afastado de exposições e movimentos artísticos. Apreciado apenas por um círculo de fiéis amigos e herdeiros intelectuais, penso que é preciso divulgar para as futuras gerações, a importância e o seu pioneirismo na arte da xilogravura no Brasil. O talento de Goeldi o torna um mestre incontestável e, podemos afirmar, sua arte é eterna.

Passados 126 anos de seu nascimento, sua obra continua a nos maravilhar pela intensidade e força de uma personalidade que ficou gravada na história da arte do país. Nos idos de 50 poucos eram os artistas que se dedicavam à gravura em metal e, à xilogravura, só existia Oswaldo Goeldi. Ele deu os primeiros e definitivos passos na Escola Nacional de Belas Artes, em 1955, ao instalar uma oficina de xilogravura. No imponente edifício neoclássico da Avenida Rio Branco, sua oficina era frequentada por inúmeros alunos, e deixou uma influência permanente. Seus "filhos" são inúmeros, seu trabalho foi tão influente que ultrapassou a marca de um centenário e ainda ecoa em novos alunos, sempre vinculados à sua vontade de expressão.

Goeldi, nascido em 1895, começa a desenhar em 1915, e, de acordo com suas palavras: "obedecendo a uma necessidade interior (...), e, em 1924 comecei a gravar, sob a influência da escola da rua". Essa influência se revela em metafóricas casas arruinadas e quintais abandonados, onde seres extraídos das sombras e da dor expõem a fisionomia dramática da cidade do Rio de Janeiro. Nos primeiros tacos, geralmente pequenos, a imaginação de Goeldi se alia de modo permanente à técnica milenar da xilogravura. O uso apropriado das madeiras brasileiras: a peroba-rosa, a perobinha-de-campos, o pau-cetim, o mogno e o cedro, entre outras madeiras, estão a serviço de seu olhar perscrutador e apaixonado pelo material que é vivo e se curva ao trabalho do artista. Goeldi mantém uma relação afetiva e calorosa sob cada corte produzido por suas goivas e, através da saturação de luz e sombras, se revela por inteiro em cada gravura.

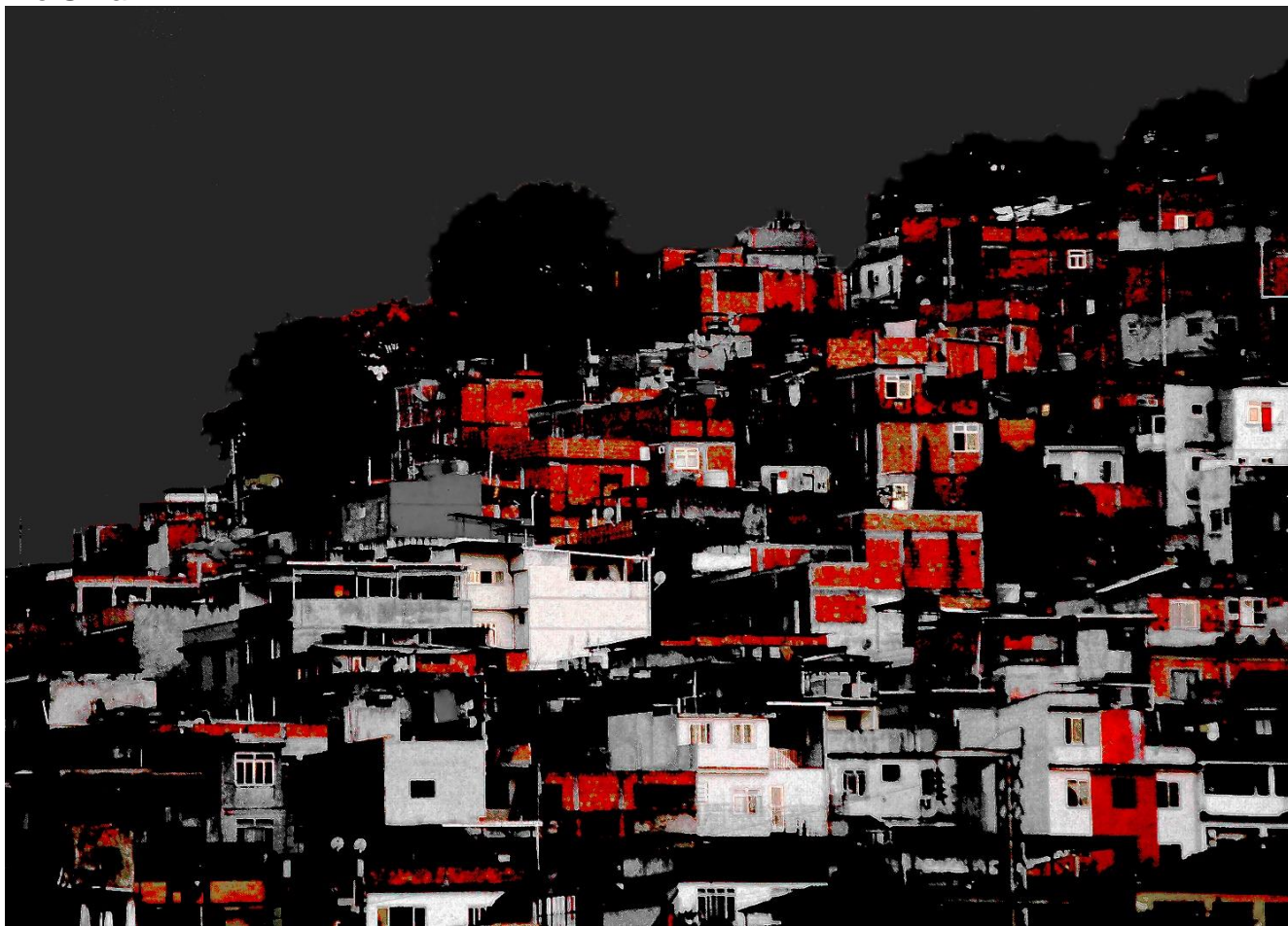
Esta exposição da Galeria Zagut que comemora os "126 anos de Goeldi, Um gênio Brasileiro", vem reafirmar a sua narrativa que harmonizava seus ideais à paisagem humana e à fauna e flora brasileiras.

Alcina Morais



Vigilância; fotografia digital, impressão mineral sobre papel Hahnemuhle 100% algodão; 60 x 40cm; 2018

Ale Silva



A Favela Resiste; arte digital (base fotografia); 42 x 30 cm; tiragem 1/10; 2021

Alexandre Palma



Goeldi: humanismo em luz e sombra; óleo s/tela; 60 x 80 cm; 2021

Ana Angelim



Norato; monotipia com pigmentos s/ papel; 30 x 42 cm; 2021

Ana Cristina Teixeira



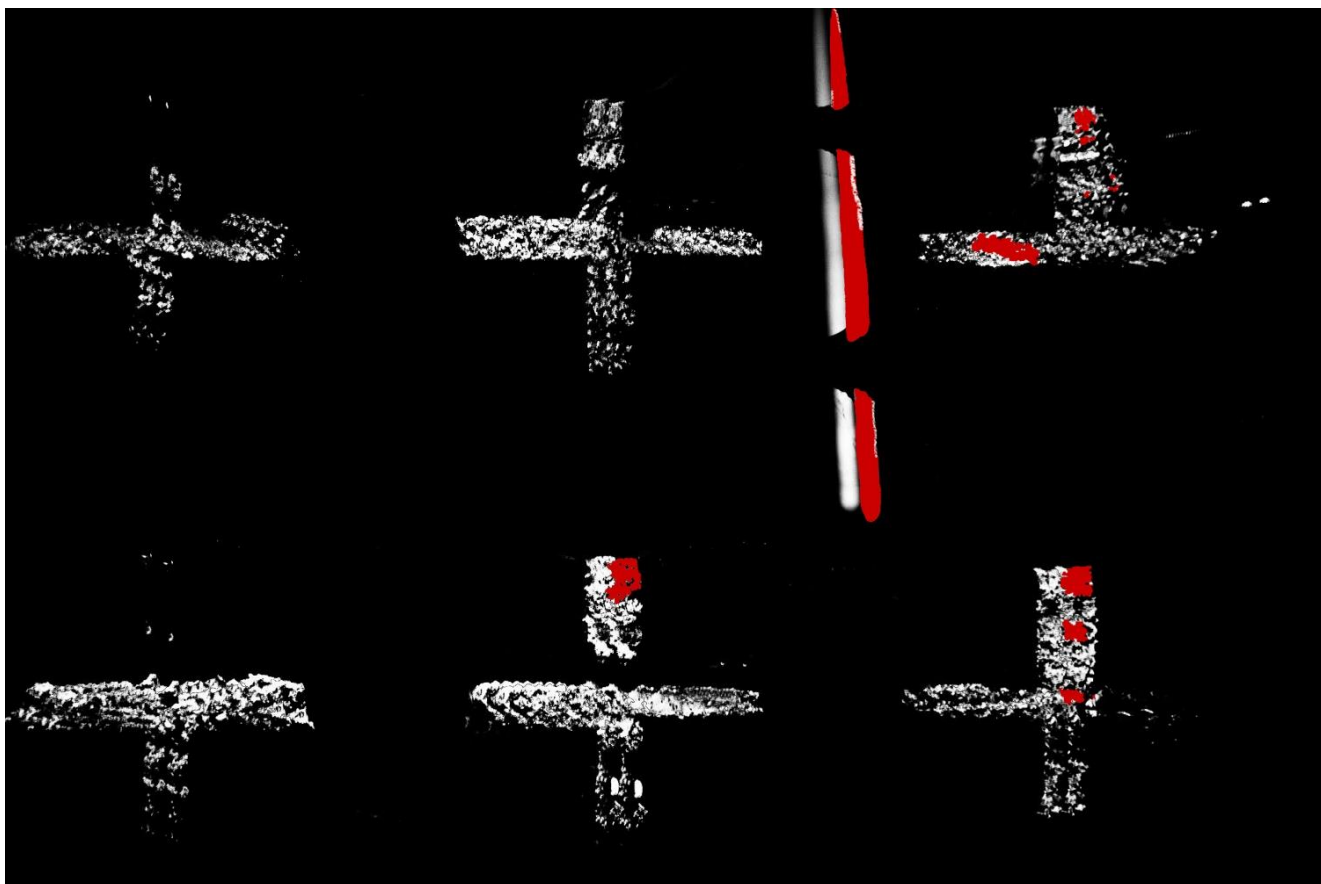
Série A Irrealidade do Real; acrílica, caneta e colagem s/ papel Canson; 21 x 29,7 cm; 2021

Ana Luiza Mello



Noéva Contemporânea 2021; desenho canetado, aguada e tempera s/ papel Canson Torchon; 24 x 32 cm; 2021

Ana Mattos



Taciturna; fotografia e arte digital, impressão em papel algodão, pigmentos minerais; 42 x 30 cm; 2021

Ana Morche



Olhos de sangue; aquarela e nanquim s/ papel Hahnemühle 425gr; 30 x 20 cm; 2021

Ana Paula Guinle



Uma Janela para Goeldi; fotografia; 38 x 23 cm; 2021

Ana Schieck



Sombra; água-tinta, edição única; 14 x 29,5 cm; 1992

Andres Papa



Goeldi a Goeldi; digital, fine art; 70 x 50 cm; 2021

Angela Gentile



Sem título; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2020

Angela Rolim



Uma cor para declamar; ponta seca; 30 x 30 cm; 2017

Uma cor para declamar

a inquietude
a solidão
os silêncios
os vazios
os amores
os ventos

Augusto Herkenhoff



P.E

Augusto 2012

Sem título; gravura em metal; PE, tiragem 10; 42 x 30 cm; 2017

Bahie Banchik



2/10 "Capetown - S.A." Bahie Banchik 2019

Capetown - S.A.; linogravura; tiragem 2/10; 29,5 x 21 cm; 2019

Bel Guimarães



Memória Trilobita 7; técnica mista: carimbo e acrílica s/ tela; 20 x 30 cm; 2013

Benedito Neves



O mar e a natureza; óleo s/ madeira de demolição; 38 x 54 cm; 2019

Benjamin Rothstein



The Black; acrílica s/ Eucatex; 93 x 60 cm; 2009

Bia Rocha



Sobre Goeldi; pastel seco sobre cartão paraná; 21 x 17 cm; 2021

Celia Gimenez



Sem título; técnica mista s/ papel; 40 x 50 cm; 2021

Celina Noll



Asas para Goeldi; acrílica, nanquim e ecoline s/ papel algodão; 29,7 x 42 cm;
2021

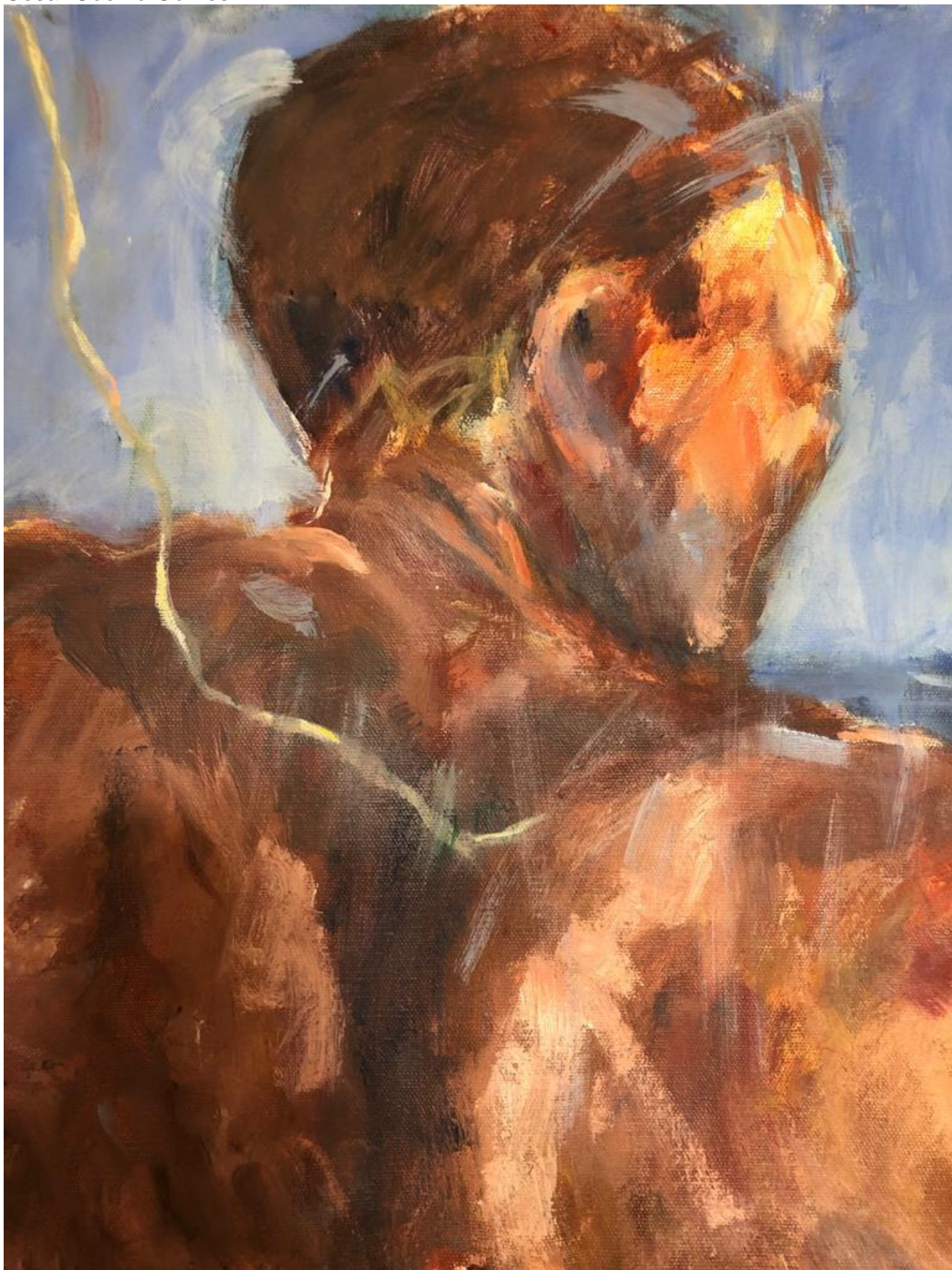
"Nunca sacrifiquei a qualquer modismo o meu próprio eu - caminhada dura,
mas a única que vale todos os sacrifícios " Goeldi

Celso Adolfo



Peixe; desenho giz de cera, nanquim; 12 x 15,5 cm; 2021

Cesar Coelho Gomes



Ele e o mar/ Solidão ensolarada; óleo s/ tela; 38 x 32 cm; 2021

Cesar Paes Barreto



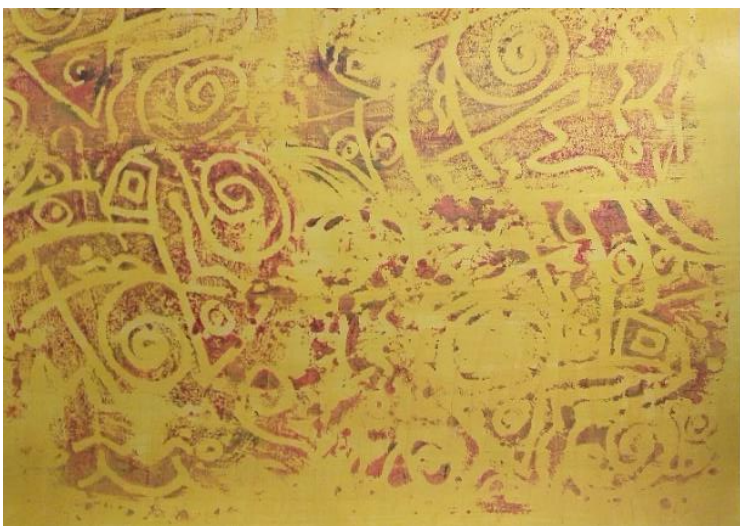
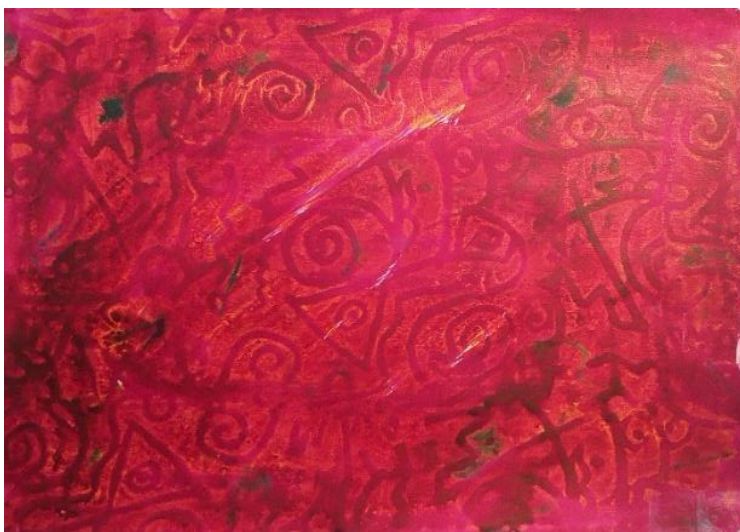
Papai Goeldi; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g com tintas de pigmento mineral; edição única; 48 x 57 cm e com 10 reprints impressão em papel Canson matte 180g com tintas de pigmento mineral, 33 x 39 cm; 2021

Christian Quellmann



Pôr do sol barroco; fotografia impressão fine arts; tiragem 5; 30 x 40 cm; 2019

Cirlei Gonçalves



Impressões de um Mundo Desconhecido; tríptico; monotipia, acrílica s/ Canson;
30 x 42 cm cada; 2020

Clara Cavendish



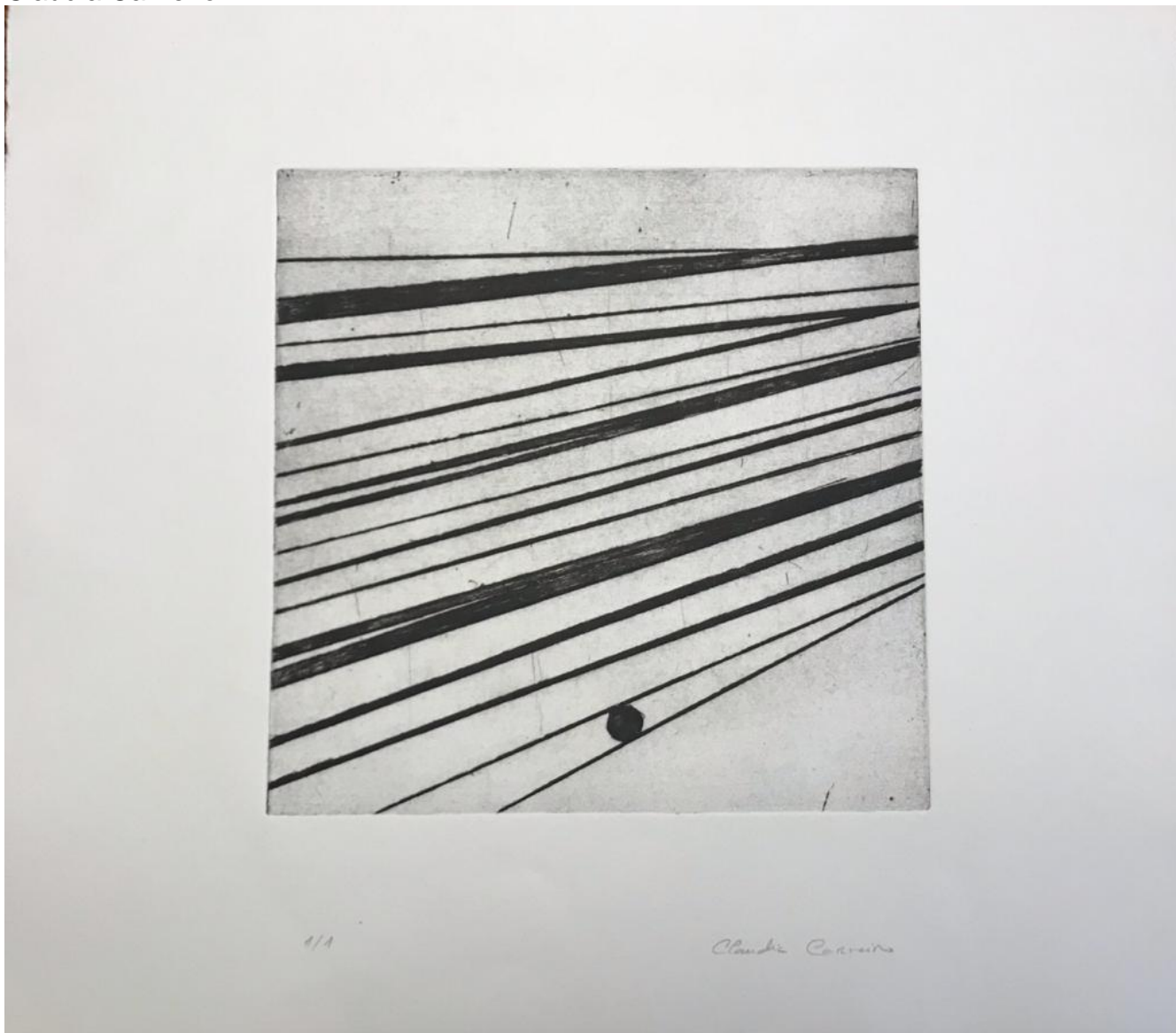
O Mergulho; óleo s/ tela; 55 x 46 cm; 2010

Clarice Pellegrino



Sem título; pincel fibralo brush Carandache s/ papel; 30 x 21 cm; 2018

Claudia Carneiro



Lua Negra; gravura em metal s/ papel Hahnemühle; 40 x 45,5 cm; 2019

Claudia Watkins



Errantes; técnica mista s/ tela; 38 x 38 cm; 2015

Conceição Durães



Carteira de Trabalho, série Documentos de memória; trabalho digital, acrílica, impressão em lona crua; 38 x 60 cm; 2019

Cunca Bocayuva



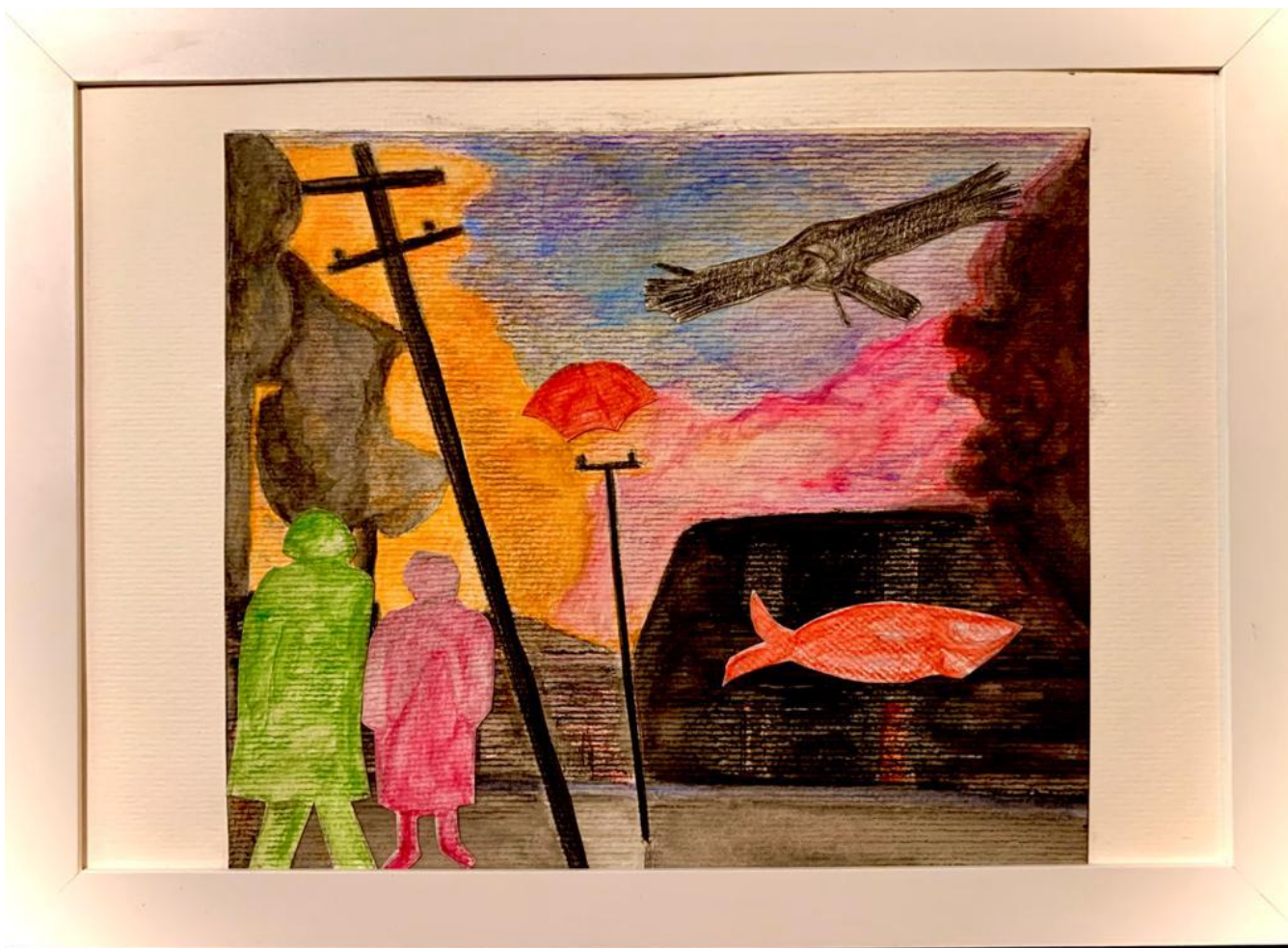
Variações Goeldi; xilogravura digital; 50 x 50 cm; tiragem 2; 2021

Daniel Senise



Sem título; gravura em metal; 23 x 33 cm; tiragem 86/170; 1994

Daniela Veronesi



Cotidiano; lápis aquarelado em papel Canson 200 g; 21 x 30 cm; 2021

Débora Carneiro da Cunha



Nas mãos de Goeldi; guache e carvão s/ Canson 224g/m; 42 x 30 cm; 2021

Denise Araripe



Da minha janela, lembrei de Goeldi; série Da minha Janela; fotografia e bastão a óleo; 30 x 40 cm; 2012

Dirce Fett



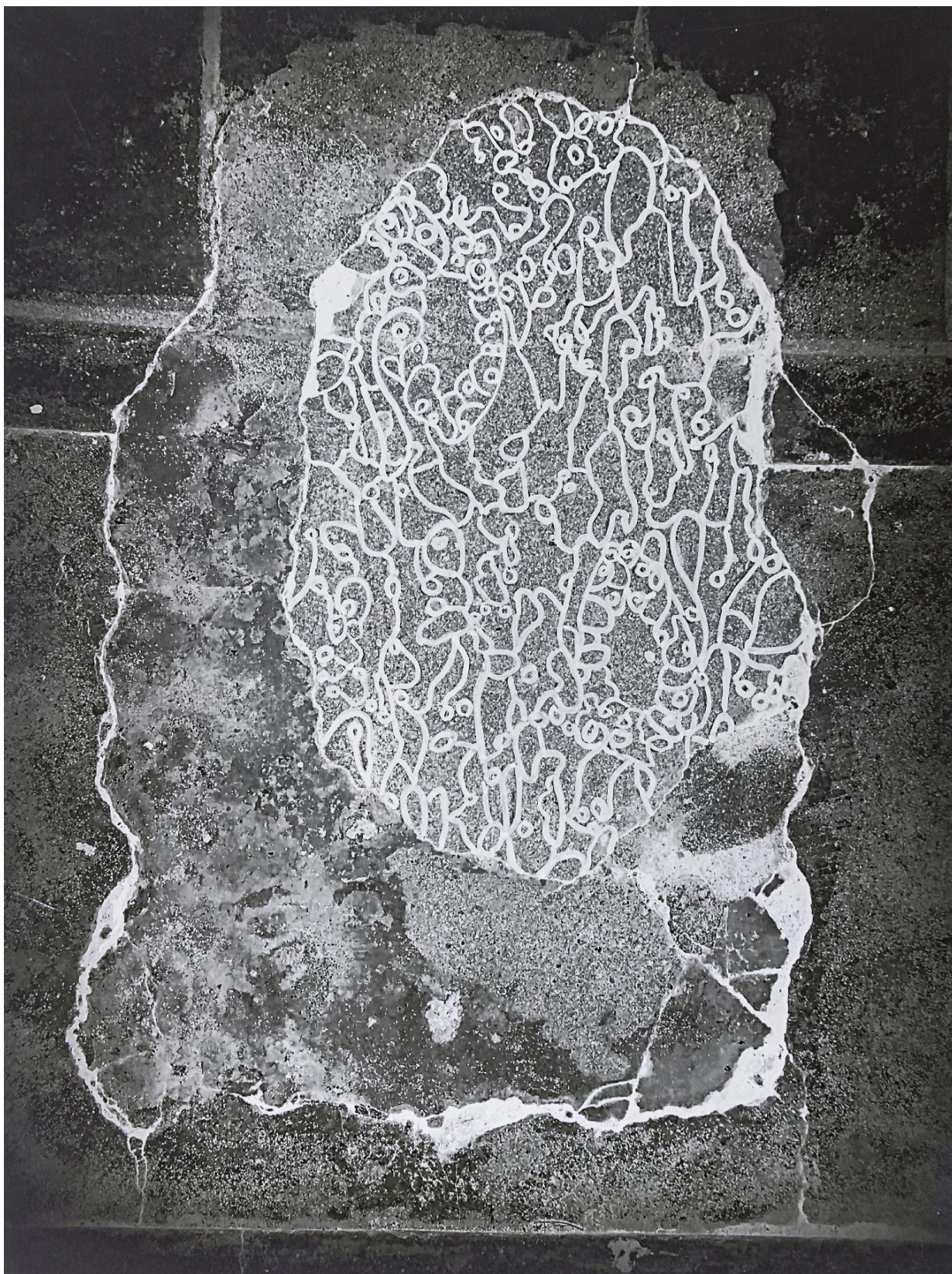
Goeldi; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2021

Dora Portugal



Cobra Cecília; xilogravura sobre papel Canson 300mg; tiragem P.A./10; 42 x 29,7 cm; 2021

Dulce Lysyj



Remodelação; nanquim s/ fotografia; 30 x 40 cm; 2016

“Aprendi muito na rua. Os fenômenos da natureza me empolgam... Os dramas da alma humana me comovem” GOELDI

Edgar Fonseca



Homenagem a Goeldi, "homem de guarda-chuva"; litografia a cores; 50 x 70 cm; 1998

Trabalho participante do livro editado pelo ITAU CULTURAL: Gravura Arte Brasileira do século XX

Edineusa Bezerril



Sem título; impressão s/acetato e pintura s/papel Canson; 30 x 42 cm; 2021

Edwiges Barros



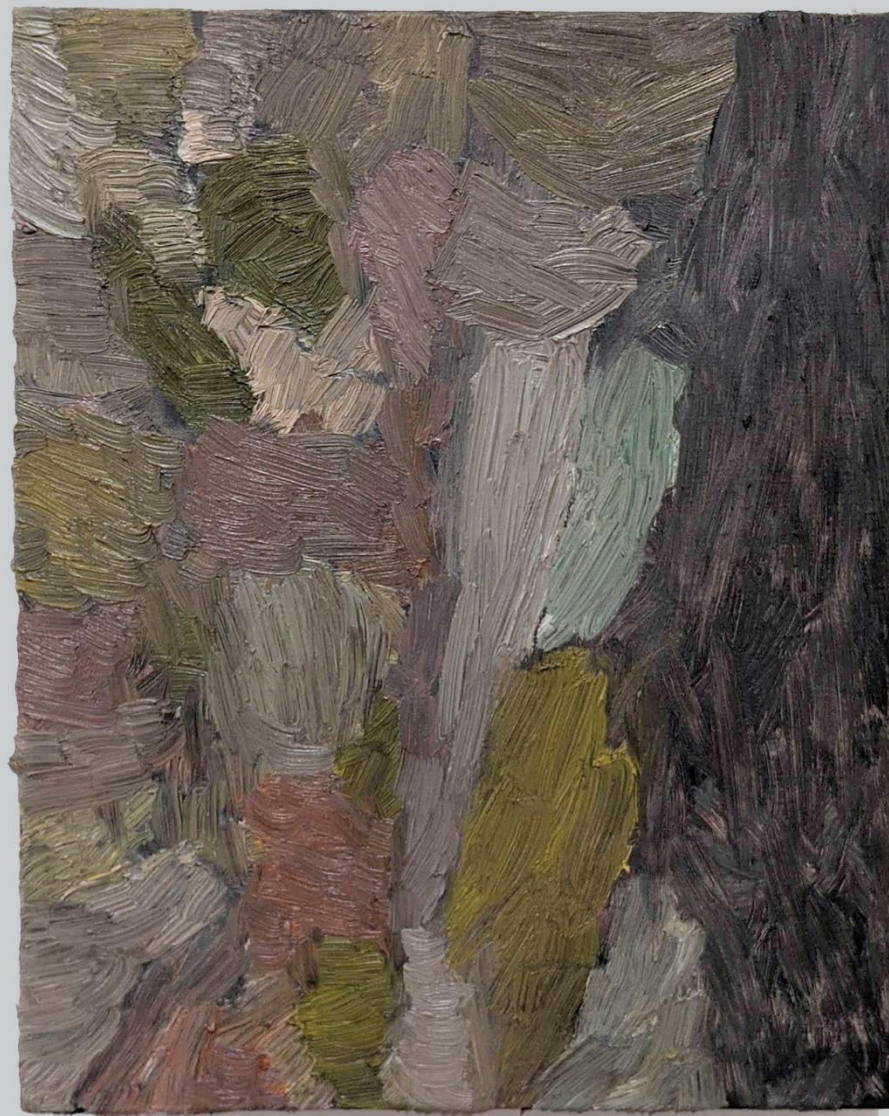
Singularidade; gravura em metal, água forte e água tinta; 40 x 15 cm; 2014

Eliane Carrapateira.



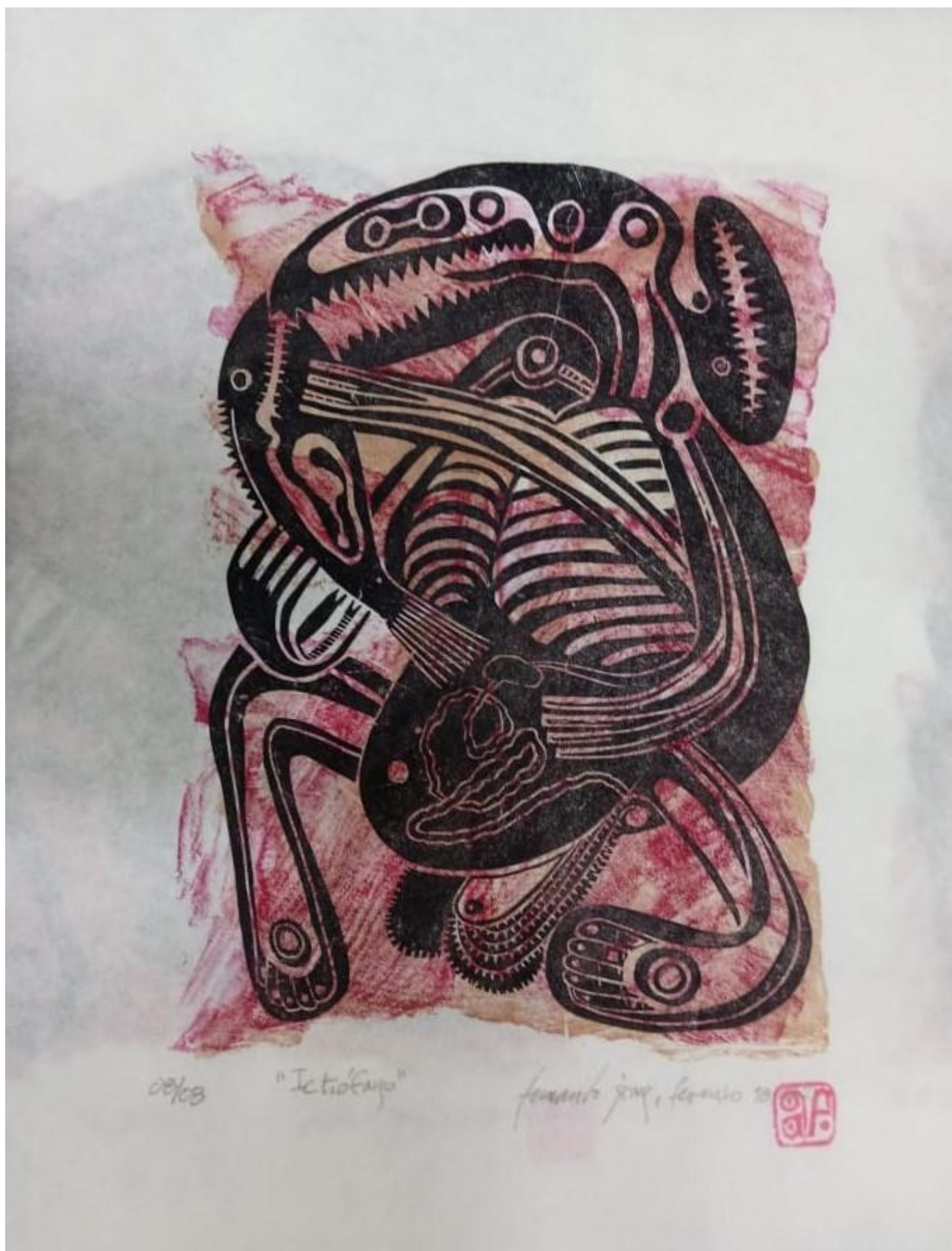
Flores para Goeldi; técnica mista com monotipia, pintura e desenho s/ Canson;
23 x 35 cm; 2021

Fernando Brum



Sem título; óleo s/ linho; 30 x 24 cm; 2021

Fernando Gómez



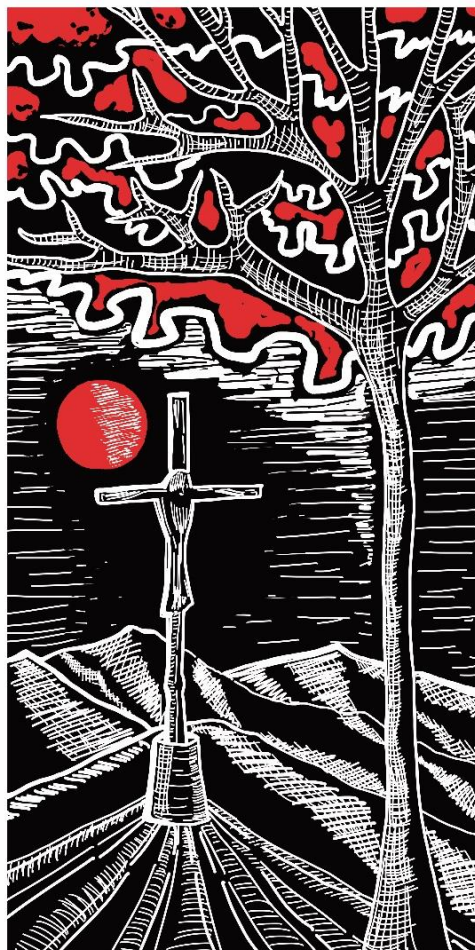
Ictiófago; xilogravura e linoleogravura em três cores, impressa sobre papel Kozo; 29,7 x 22,7 cm; edição de 8; 2021

Francinete Alberton



Sem título; fotografia impressa por fine art em papel de algodão; 40 x 60 cm;
2021; tiragem 1/5

Giselle Vieira



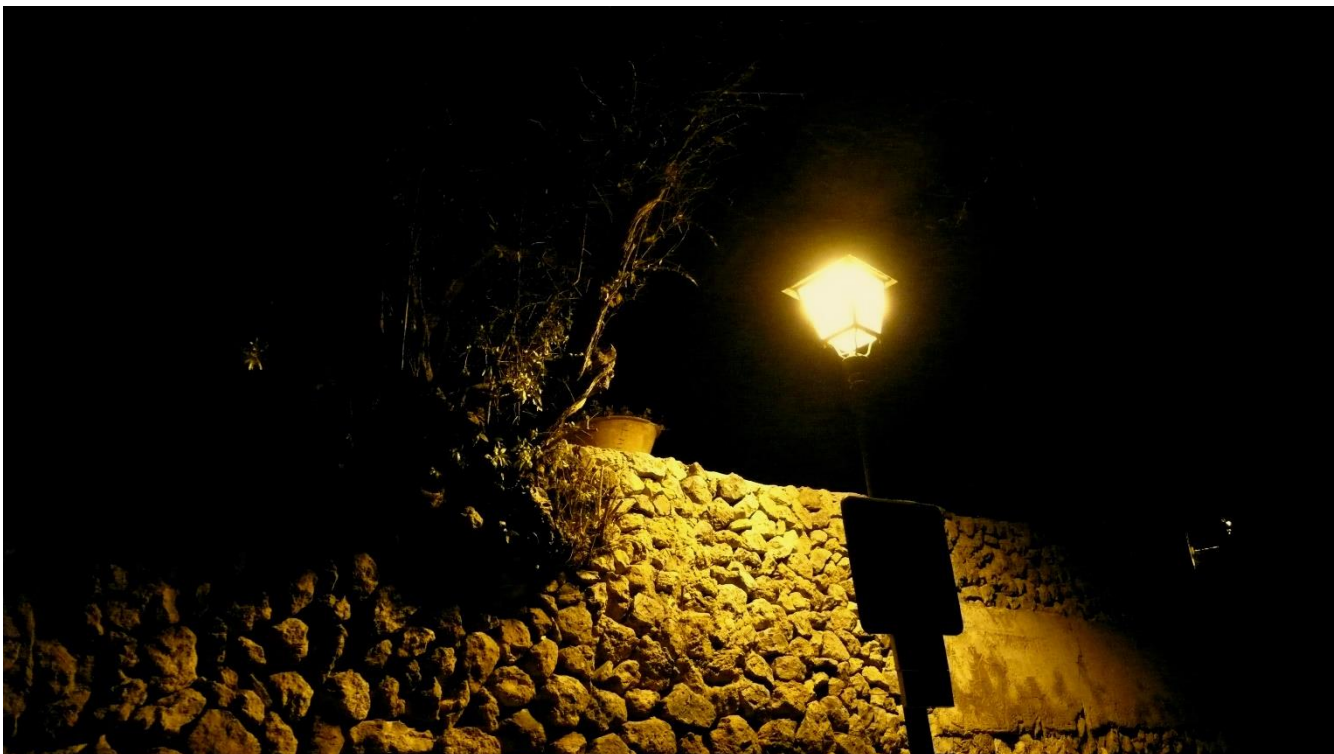
Fim; ilustração digital com impressão fine art; 30 x 40 cm; tiragem: 2/10; 2021

Gloria Conforto



Nessa rua...; têmpera s/ papel Arches; 30,5 x 22,7 cm

Graça Pizá



“Eclipse em Söller” (quando Goeldi trouxe o meio-dia); fotografia analógica em papel Ilford; 150 x 200 x 10 cm; 2009

Hilario Almeida



Sem título; óleo s/ tela; 80 x 60 cm; 2020

Hortensia Pecegueiro



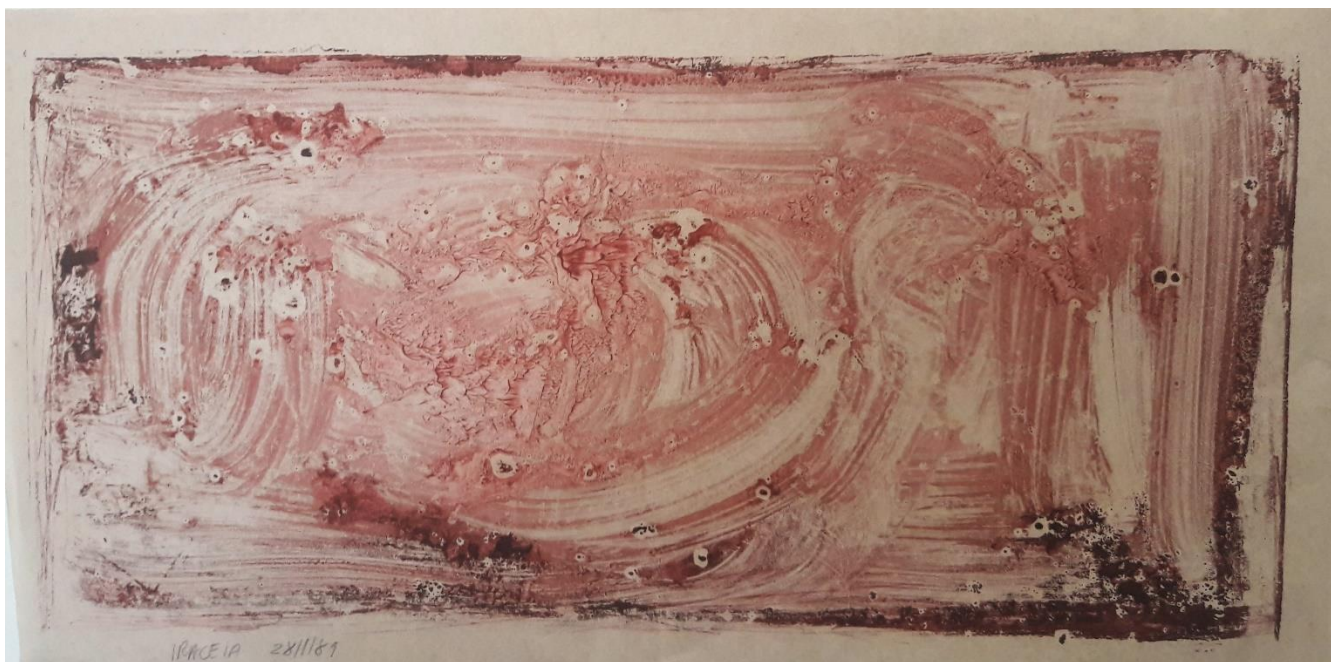
Menininha da porteira; carvão sobre papel Fabriano 300g; 35 x 50 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



Arte reflexo de liberdade; bico de pena e lápis aquarela s/ papel aquarela; 25 x 31 cm; 2021

Iraceia de Oliveira



A Viagem; gravura em papel manteiga; 42 x 22 cm; 1989

Isabella Marinho



Observador; técnica mista; 160 x 160; 2021

Isis Braga



Figura em pé; xilogravura sobre papel japonês; tiragem 1/5; 51 x 30 cm; 1975

Jarbas Paullous



Avenida Piabanha; fotografia impressão fine arts; tiragem 200; 30 x 60 cm; 2021. E vídeo-performance Avenida Piabanha; 43"; 2021.

João Saboia



Espírito do Goeldi; fotografia impressa em papel fotográfico; 55 x 32 cm; 2021

Joel Gama



Pipa para Goeldi; xilogravura colorida impressa em papel especial filtrante 70g/m², 90% celulose; P.A.; 29 x 37 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Renque de árvores; linóleo; tiragem 10; 41 x 30 cm; 2021

Jorge Guidacci



Gato; xilogravura (realizada durante aula na Escola Nacional de Belas Artes sob orientação do professor Oswaldo Goeldi); 24 x 17 cm; circa 1958

Katia Politzer



Abandono; carvão s/ papel; 50 x 35 cm; 1979

Lando Faria



Transeunte; fotografia; tiragem 5; 90 x 60; 2021

Lea Soibelman



Graphotáctil; gravura em metal, ponta seca em papel artesanal; 27 x 26 cm;
1991

Leila Bokel



Le balon Rouge; técnica mista; 15 x 36 x 40 cm; 2021

Lena Tejo



Miragem; técnica mista, materiais: tela, lã, tecido, madeira e papelão, caixa acrílica; 40 x 60 cm; 2021

Lenn Cavalcanti



Goeldi, a luz a distância; acrílica s/ tela; 30x30 cm; 2021

Let Cotrim



Noturno; fotografia e colagem digital, impressão em papel fine-art Hahnemühle Baryta, tiragem 10; 45 x 30 cm; 2020

Leticia Potengy



Sem título; gravura em matriz de juta; tiragem 10; 50 x 65 cm; 2019

Lia do Rio



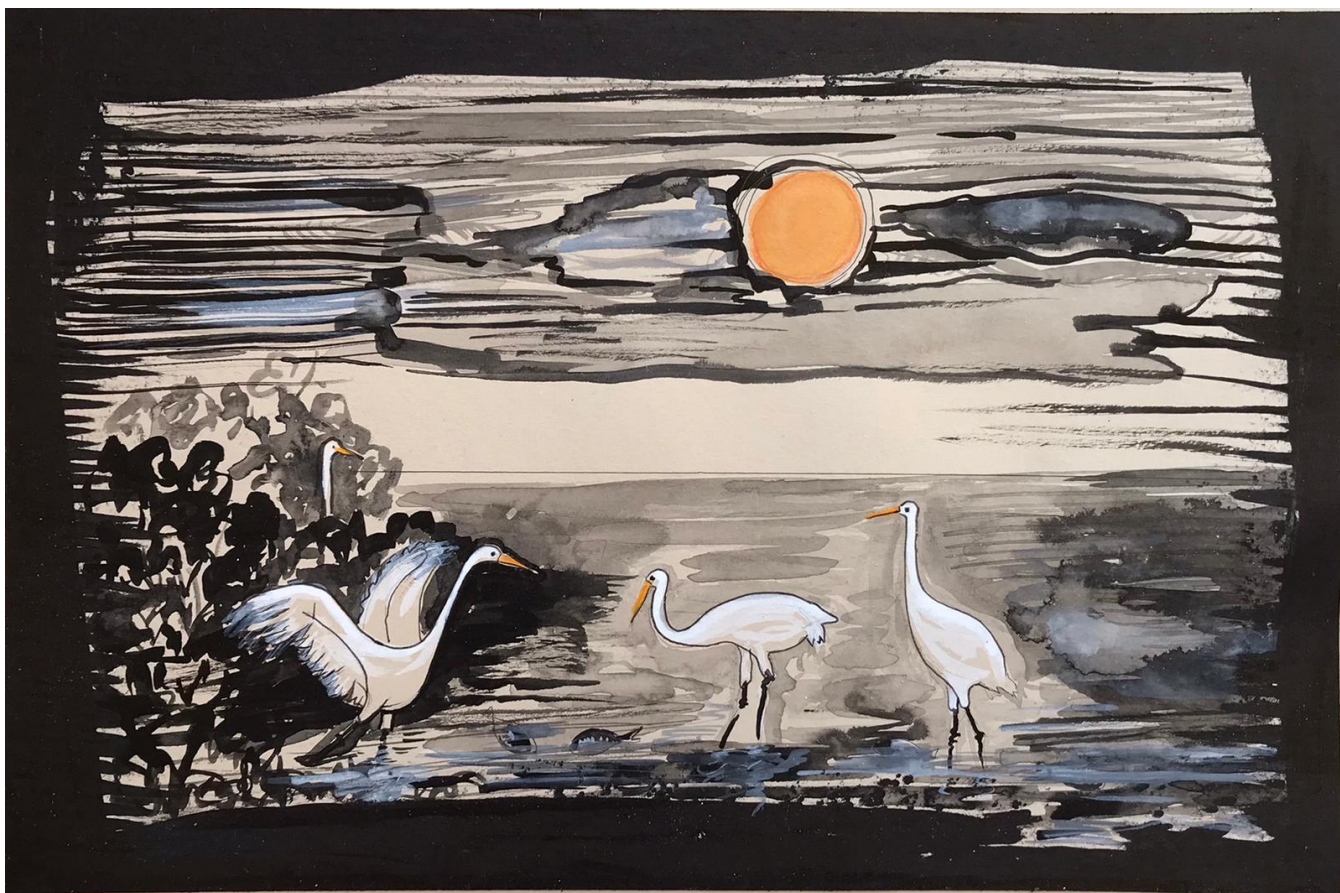
Memória (arte pública): rotação da Terra, poste e representação da sombra do poste em tinta de asfalto; fotografia; tiragem 3; 22 x 42 cm; 2000

Liana Gonzalez



Dignos!... Ou, aquilo que foi deixado de lado está inteiro; interferências/fotografia, impressão fine art, tiragem 10; 30 x 42 cm; 2021

Liane Briand



As Três Garças; tinta de impressão, nanquim e aquarela s/ papel 250g/beige;
29,7 x 42 cm; 2021

Lizete Zem



Silêncio da espera; xilogravura; edição única; 21 x 32 cm

Lu Guedes



Refúgio; acrílica s/ tela; 85 x 85 cm; 2021

Lucia Lyra



Noite Vazia; EVA Gravura – PA; 33 x 21 cm; 2021

Luciane Villanova



Sombrio; fotografia digital impressa em papel 100% algodão Hahnemuhle
PhotoRag 308gsm; 30 x 45 cm; tiragem: 1/5; 2020

Marcelo Veiga



Paisagem na região dos Lagos; técnica mista: desenho digital, cera, lápis de cor e colagem; 21 x 29 cm; 2021

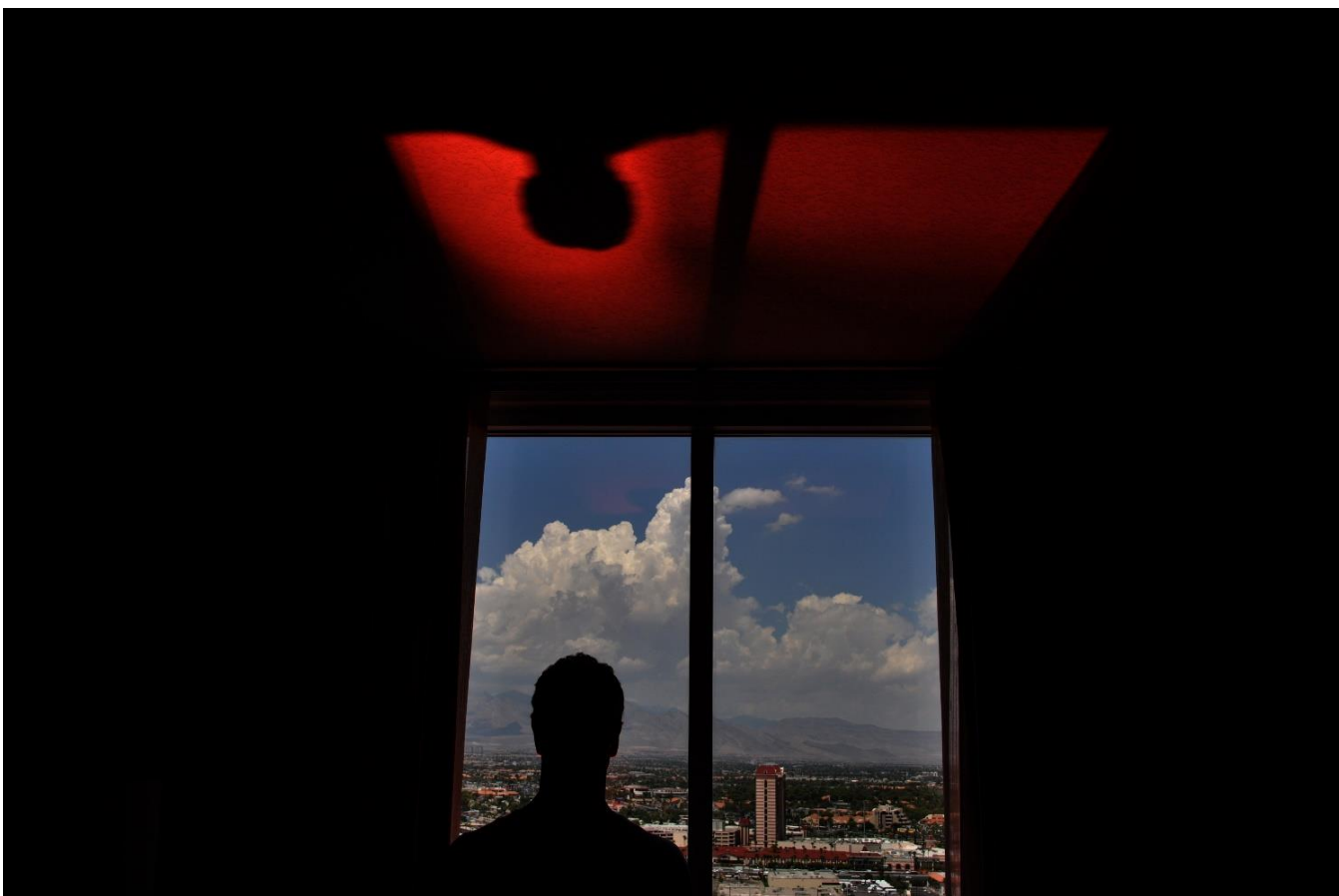
“...Estava saturado do preto e branco e procurei a cor. Inicialmente fiz aquarelas, e depois tentei passar para a gravura...” Goeldi, 1957

Marcia Cavalcanti



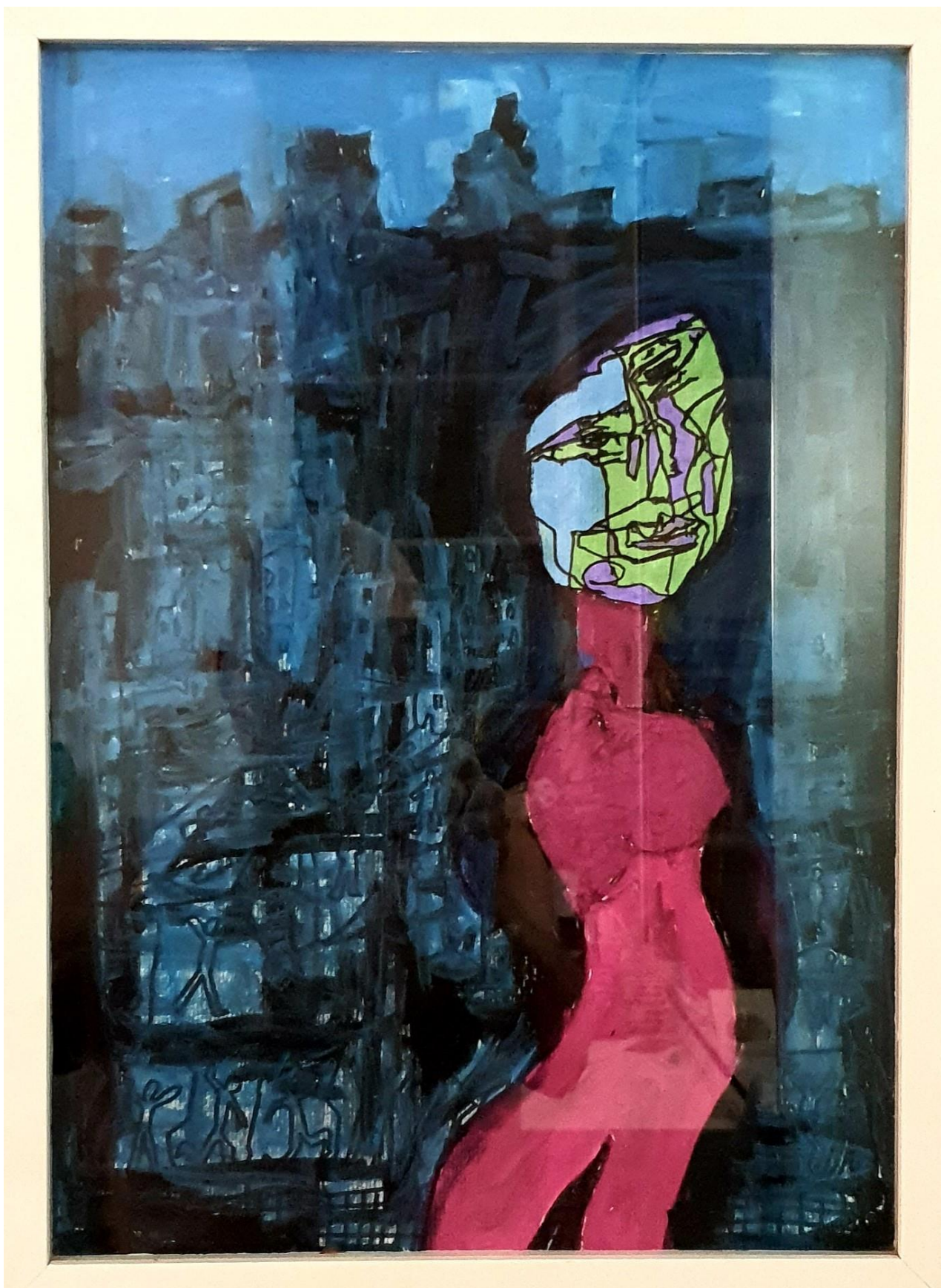
Casa, rua; nanquim bico de pena s/ papel Canson; 50 x 38 cm; 2016

Marcia Rommes



Estar disponível o olhar; fotografia fine art; tiragem 1/5; 26 x 40 cm; 2012

Marcio Atherino



Sem título; acrílica s/ papel; 42 x 30 cm; 2020

Maria Cecília Leão



As lágrimas do meu irmão gêmeo; gravura feita em papel Canson com tinta guache, utilizando isopor; edição única; 50 x 30 cm; 2021

Maria Lucia Maluf



Sem título; aquarela e gravura; 32 x 40 cm; 2020

Maria Matina



PA xib "O pé de tangerina"

Matina
2008.

O pé de tangerina (vendedor de tangerina engraxate); xilogravura com três matrizes; P.A., tiragem 5; 30 x 20 cm; 2008

Maria Mujica



Olho na luta; monotipia, desenho e tinta chinesa s/ Canson; 44 x 30 cm

Maria Perdigão



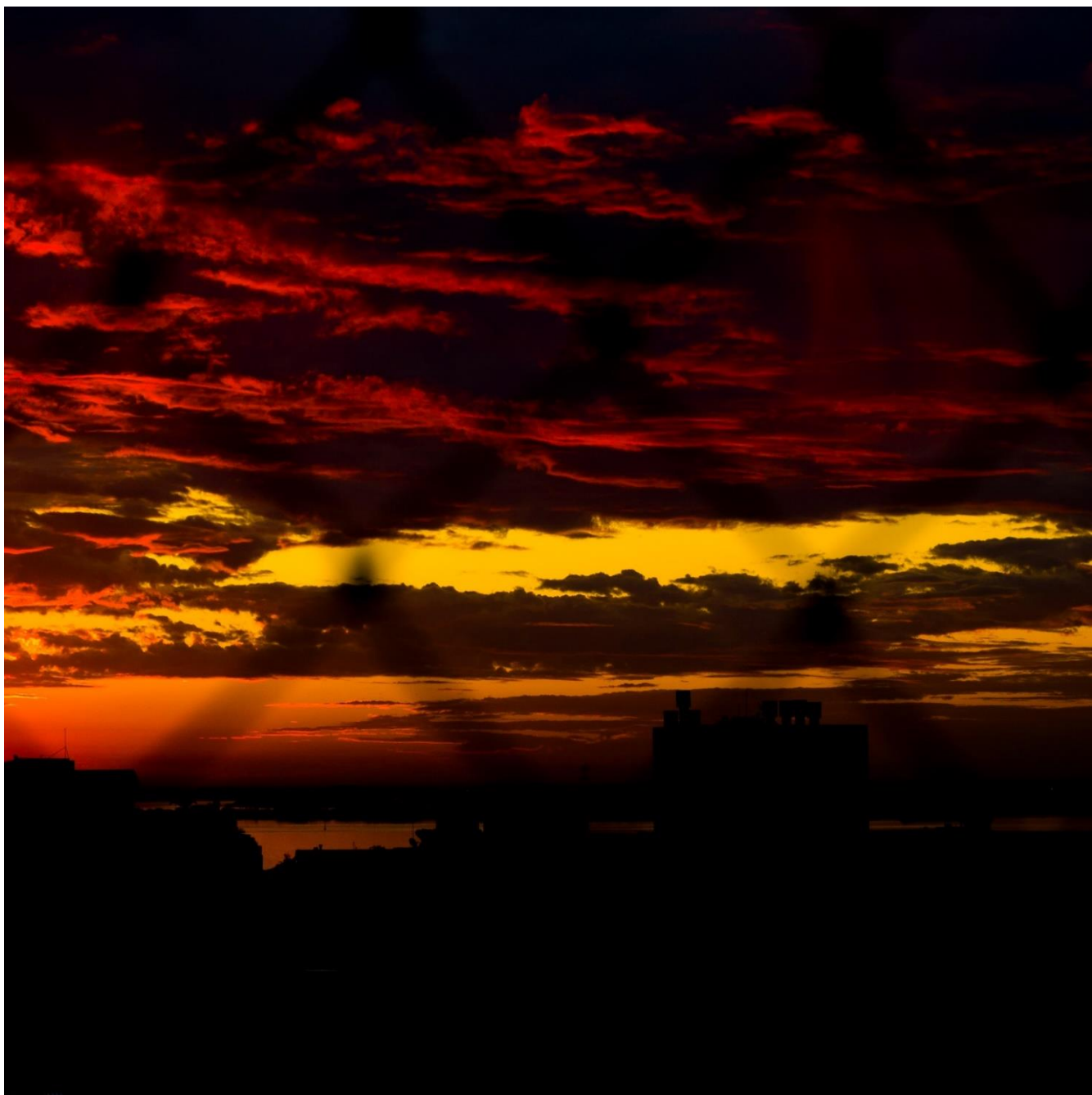
Sobre o Feminino...se Eu Fosse Goeldi II; monotipia; 36 x 28 cm; 2021

Maria Verônica Martins



Homenageando Goeldi; aquarela e nanquim; 30 x 42 cm; 2006

Marlene Reinaldo



Solidão; fotografia digital impressa em papel fine art; tiragem 10; 30 x 30 cm; 2020

Marta Bonimond



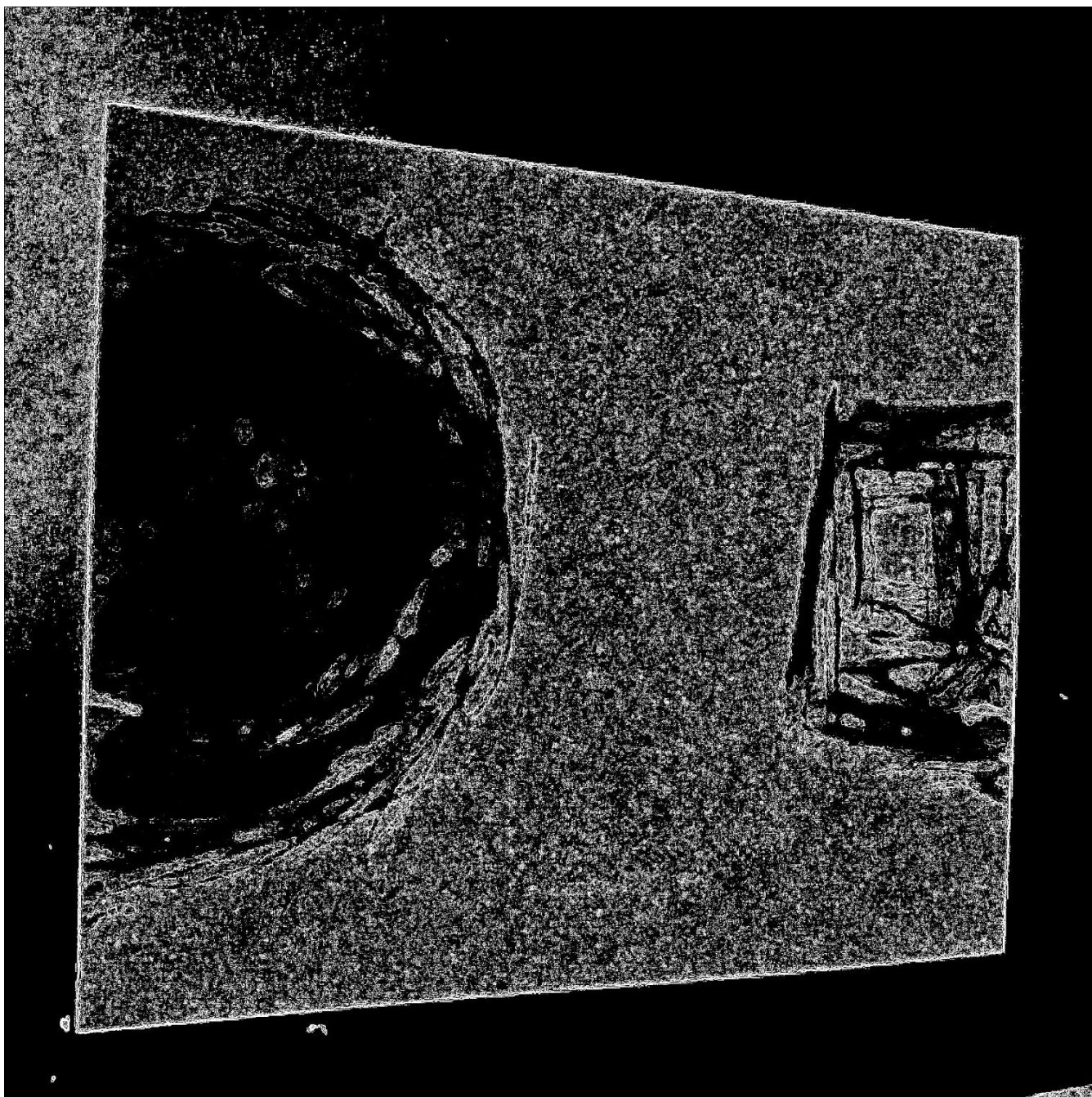
Sem título; acrílica sobre tela; 40 x 60 cm; 2012

Martha Pires Ferreira



Lua para Goeldi; nanquim e aquarela; 17 x 24,3 cm; 1965

Mauricio Theo

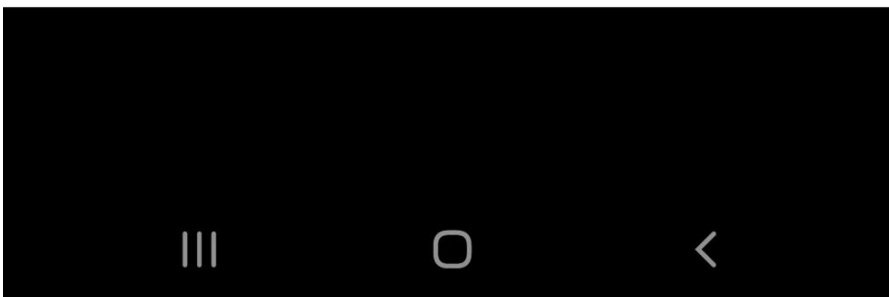


Espacial; fotocomposição s/ cartão metálico prata; tiragem: 5; 32 x 32 cm; 2021

Mayra Rodrigues



reecer como uma linha fina, ao invés



Golden spike; Vídeo, duração: 24"; tiragem: 1/5; 2018
Fotografia: Manaus, de Ricardo Oliveira. Texto: A golden spike do Antropoceno deve aparecer como uma linha fina, ao invés de um borrão. Colin Waters, do Serviço Geológico Britânico, via BBC News/Brasil, por Colin Barras.

Meiga Rodrigues



Peixe encouraçado; óleo s/ tela; 60 x 73 cm; 2002

Miro PS



Solitário, da série Sinais; tiragem 1/5; impressão em papel fine art Canson; 60 x 100 cm; 2018

Nanda Cruz



Imagem nº 1, Viva Natureza Morta, Viva; escanografia artística impressa em jato de tinta em papel fotográfico, com desgaste manual a partir de diversos materiais, reimpressão em papel celulose Canson 180 g; tiragem 1/9; 50 x 70 cm; 2021

Nilton Pinho



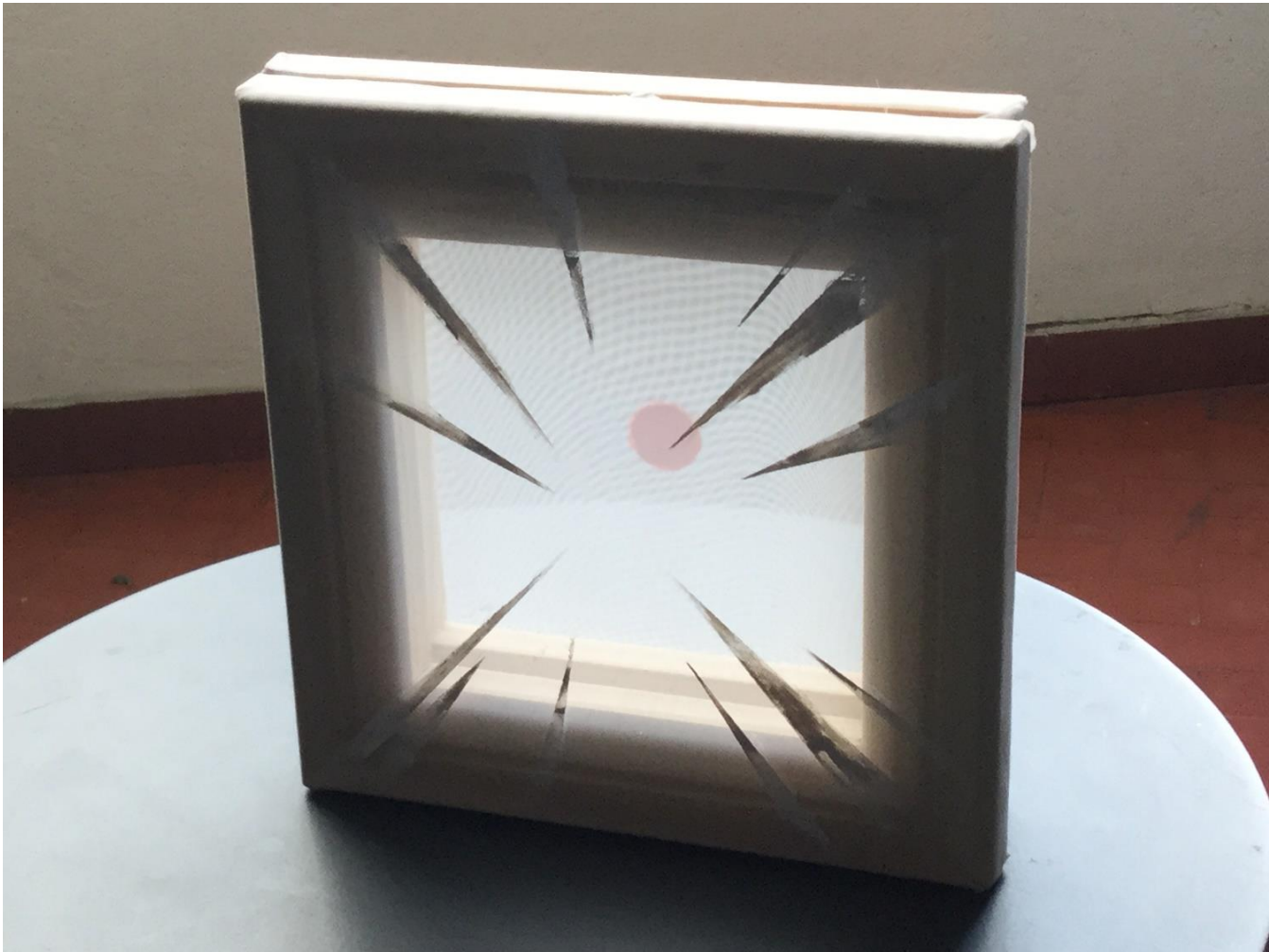
Chovendo Goeldi; assemblage, acrílica e carvão s/ cartão; 28 x 13 cm; 2021

Noemi Ribeiro



Briga de rua; composição com tangrams d'après xilogravura de Oswaldo Goeldi (c.1930), impressão em papel 100% algodão Canson, tiragem 1/5; 40 x 40 cm; 2021

Paloma Carvalho



Sol vermelho; objeto/ pintura s/ tela dupla de poliéster em chassis; 15 x 15 x 3 cm; 2021

Paulo Mittelman



Abandonada; fotografia trabalhada digitalmente, impressão fine art com tinta de pigmento mineral s/ papel especial de algodão; tiragem 10; 45 x 60 cm; 2021

Pedro Bento



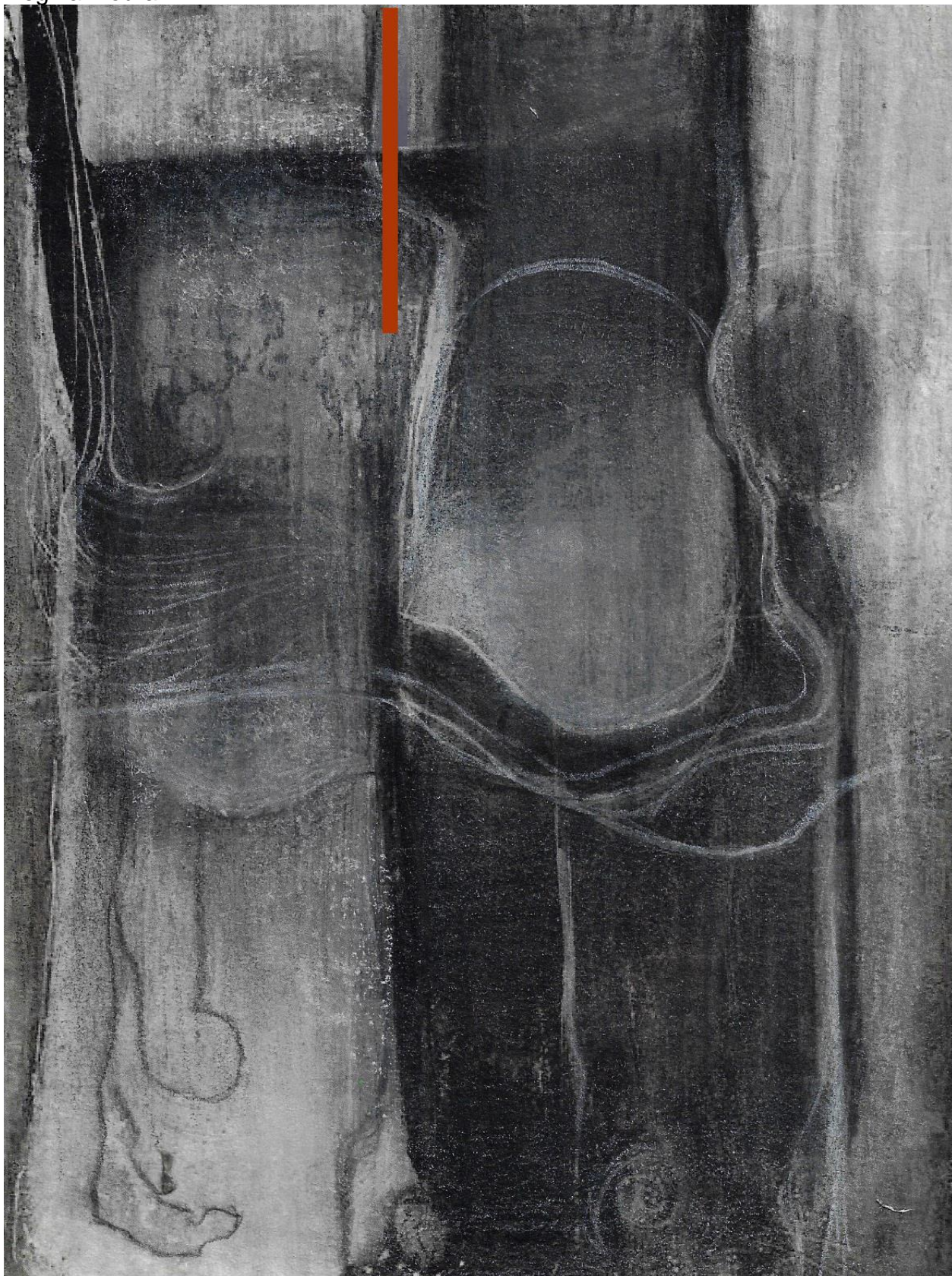
Zona; hidrográfica e esferográfica s/ papel; 23 x 16 cm; 2018

Pilar Domingo



Mulher; gravura - duas matrizes: linoleogravura e metal; Prova única; 40 x 60 cm; 2018

Regina Moura



Silencio; monotipia, grafite s/ papel Canson; 30 x 42 cm; 2021

...narrativas de melancolia, silêncio, solidão..."a arte foi meu grande refúgio, tirei a luz das sombras, dei sombras à luz..." Goeldi

Roberto Negri



Solidão; xilogravura, papel 300g/m²; 30 x 30 cm; 2021

Roberto Tavares



Paralelas Híbridas; monotipia, linóleogravura, colagem; 50 x 25 cm; 2018/2021; impresso no Tarlatana ateliê de gravura

Robinson Oliveira



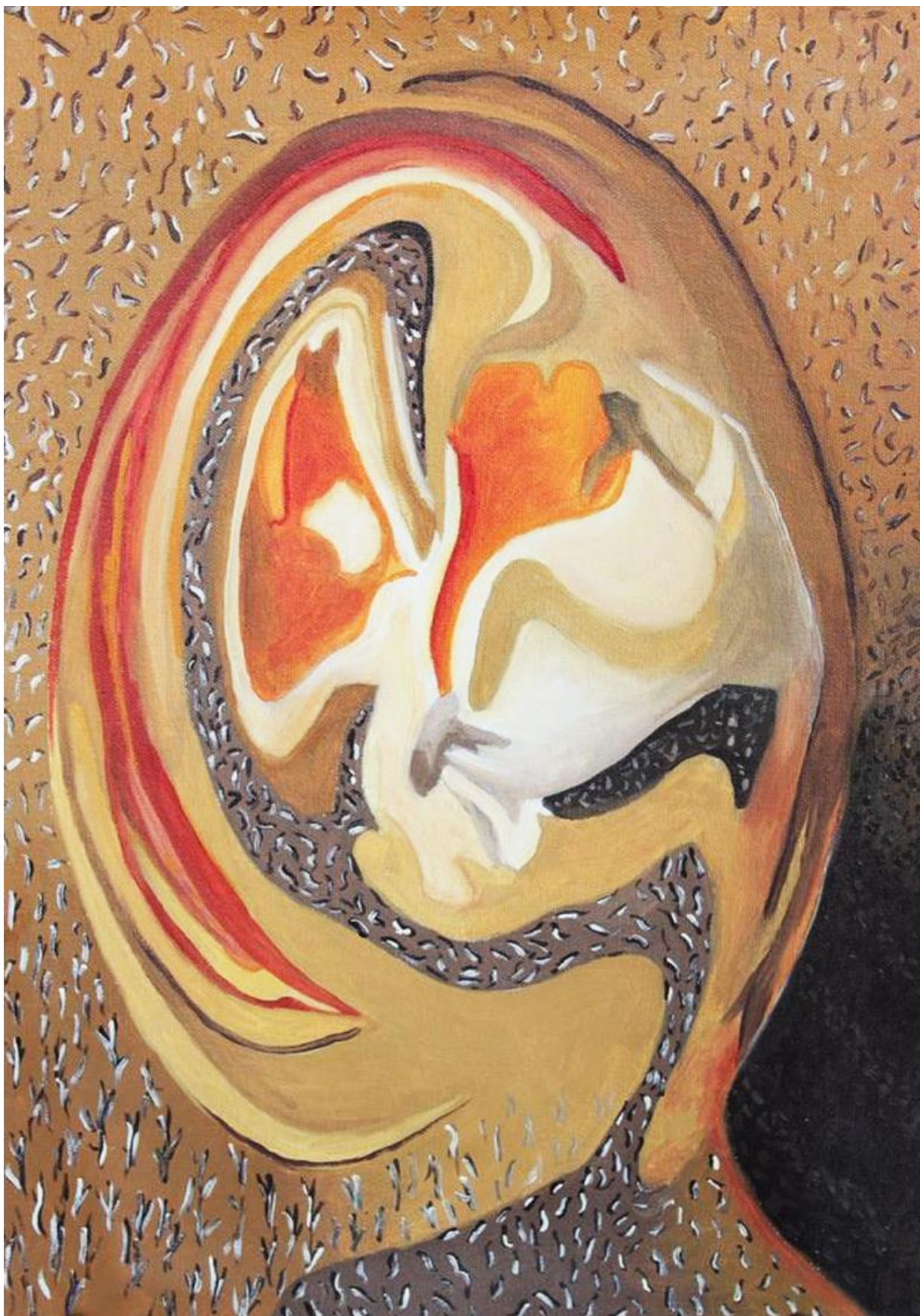
Torcedor com máscara urubu do flamengo; acrílica s/ tela; 60 x 50 cm; 2018

Rosana Siqueira



Duas Imagens Azuis; gravura em metal, água tinta e relevo; 30 x 42 cm; 2001

Rosangela Soares Pinto



Ideias Inacabadas; acrílica sobre tela; 46 x 36 cm; 2018

Rose Aguiar



O Pirata; xilogravura; 25 x 25 cm; 2020

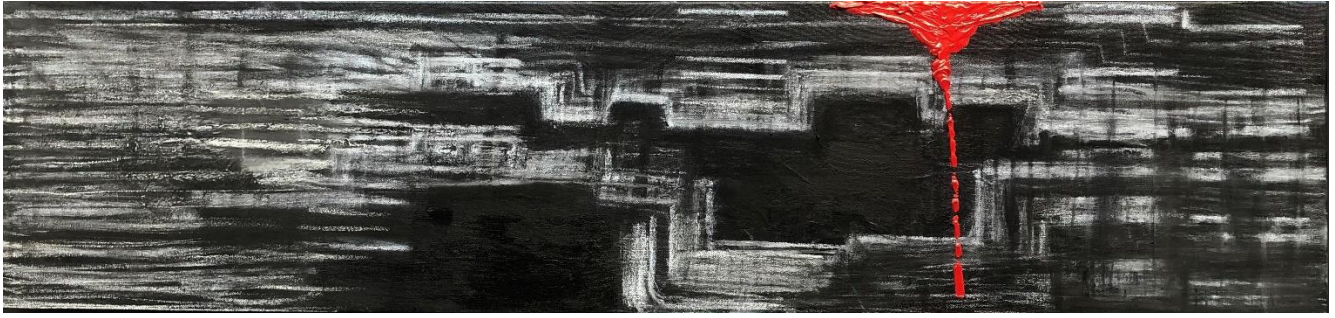
Rose Nobre



Goeldi jovem; técnica mista (imitando gravura); 30 x 20 cm; 2015

O dia evidencia a sombra,
Assombra!
a noite abraça
As diferentes espécies de trevas
E o tempo que a tudo assiste
Passa

Rosi Baetas



Sem título; acrílica e pastel s/ tela; 25 x 105 cm; 2021

Carlos Drummond de Andrade em seu poema intitulado “A Goeldi” chamou o amigo de pesquisador da noite moral sob a noite física. Neste trabalho, também em palavras do poeta, irrompe um novo sol, noturno, ou uma dádiva à vida, sanguínea, que traz luz e sombra à todas as criaturas condenadas ao mundo.

Salazar Figueiredo



Sombras e penumbras; acrílica s/ tela; 30 x 42 cm; 2021

Sandra Passos



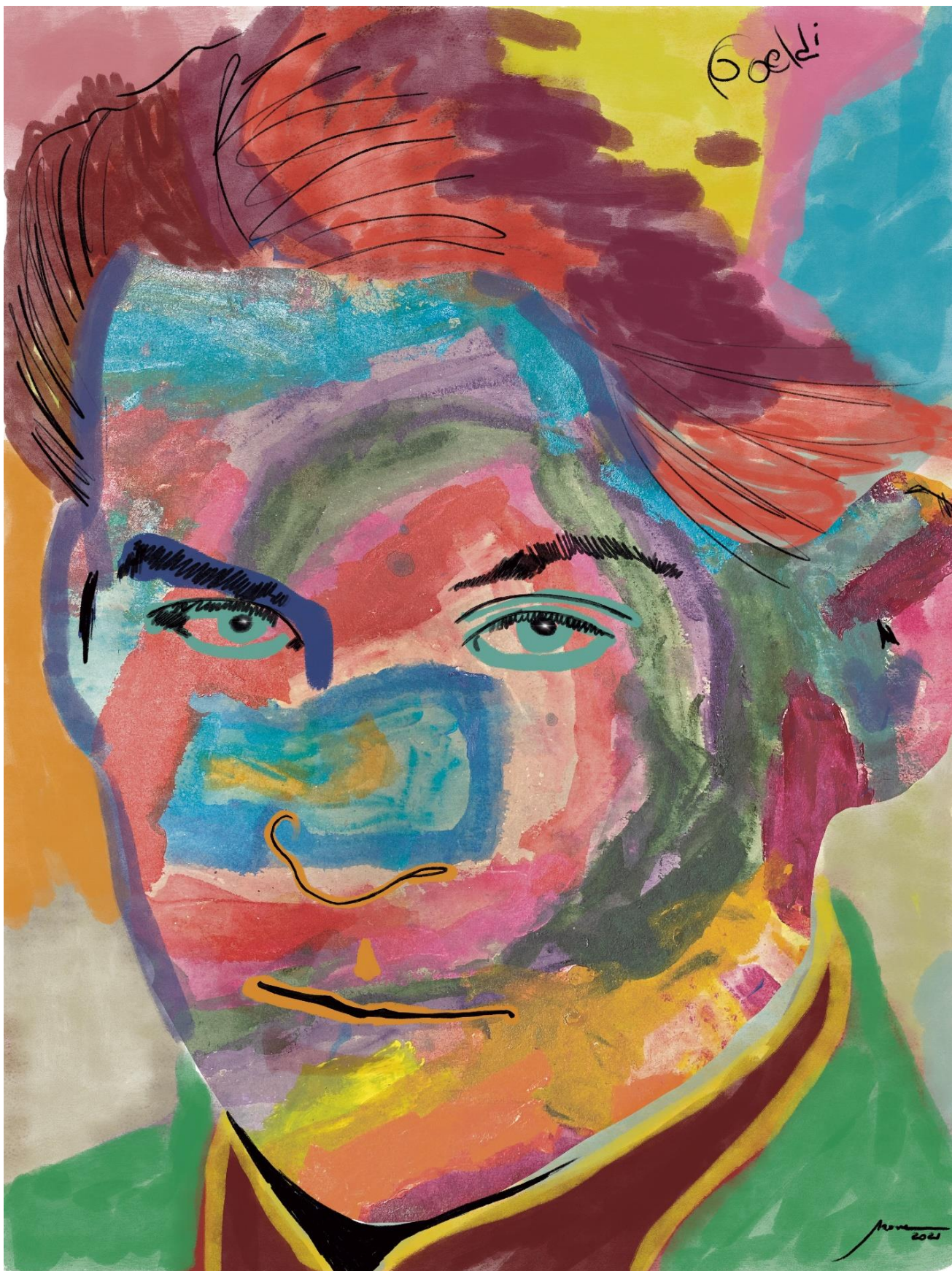
Pierrot; litografia; 27 x 27 cm; 1997; tiragem 6/12

Sergio Torres



Caixa Riscada; ponta seca s/ acrílico; formato: caixa de CD; 2020

Simone Trombini



Oswaldo Color; arte digital; tiragem 5; 100 x 138 cm; 2021

Sissi Kleuser



Memórias; arte digital; tiragem 1/5; 21 x 29 cm; 2021

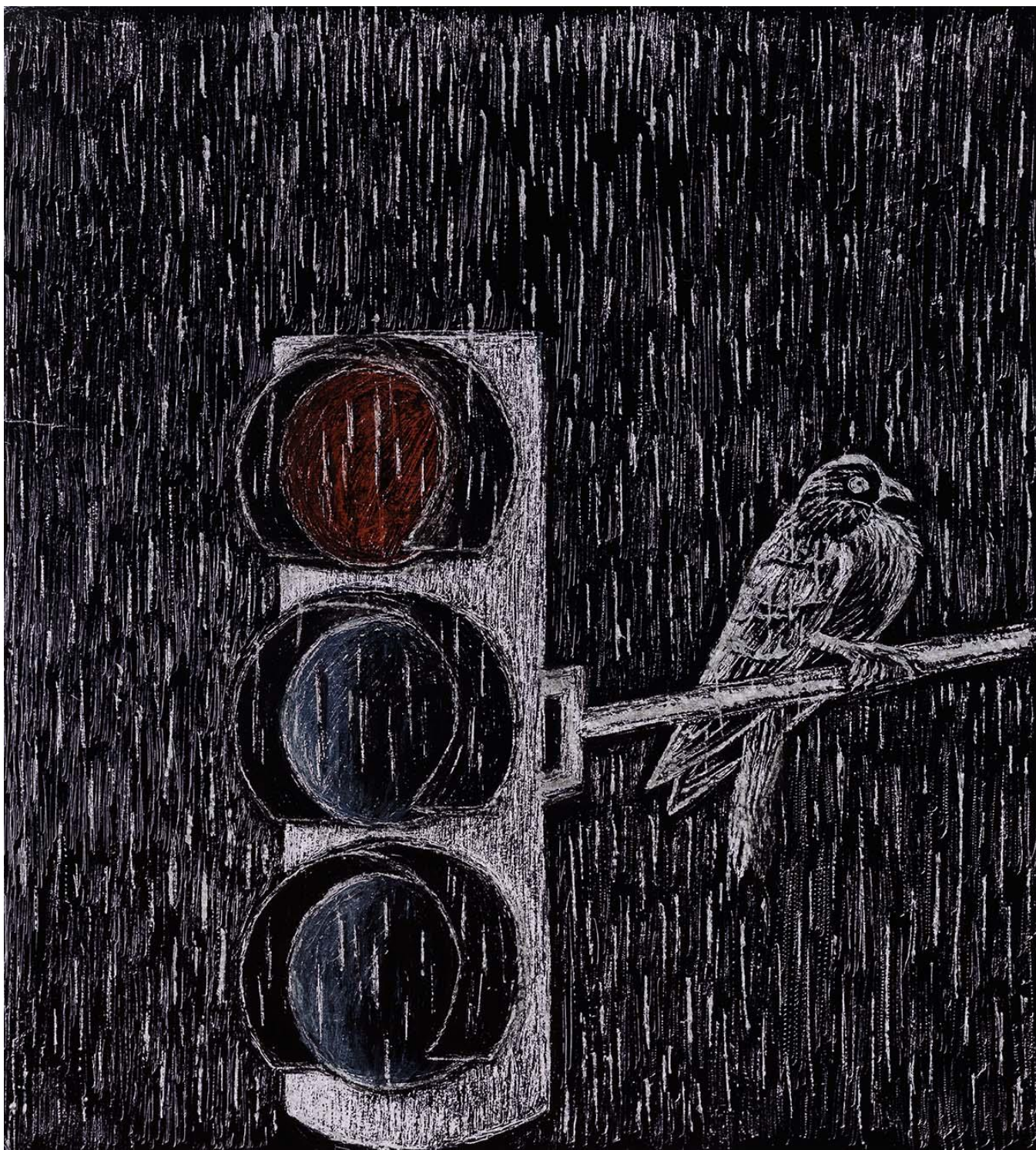
Sonia Camacho



Gragoatá; isogravura, carvão e aquarela; 30 x 40 cm; 2021

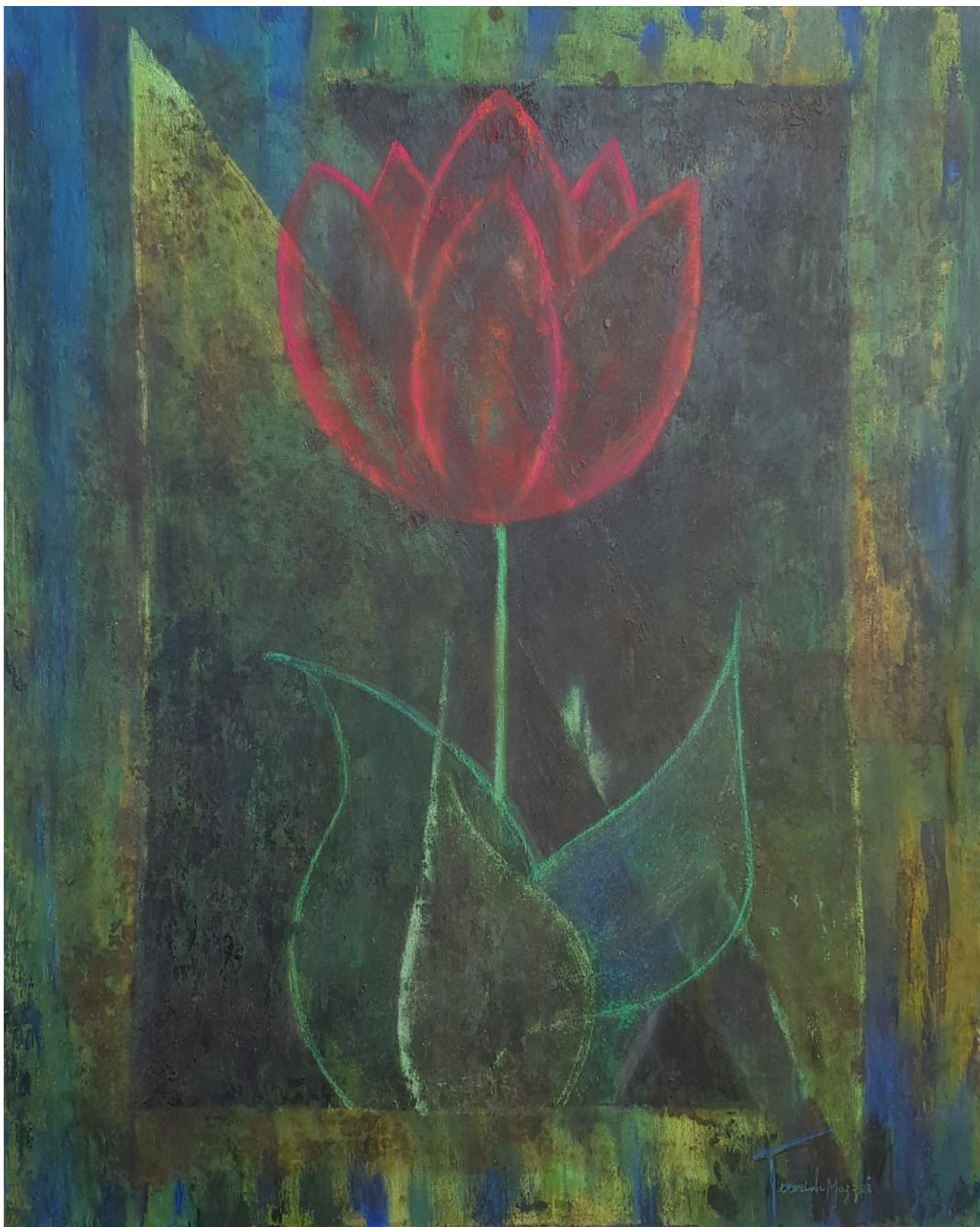
O Caos urbano na baía da Guanabara. Ele era visionário...previu tudo isso!

Talita Tunala



Desamparo, da série Água Forte; desenho com estilete em papel cartão preto e lápis de cor; 21 x 15 cm; 2018

Teresinha Mazzei



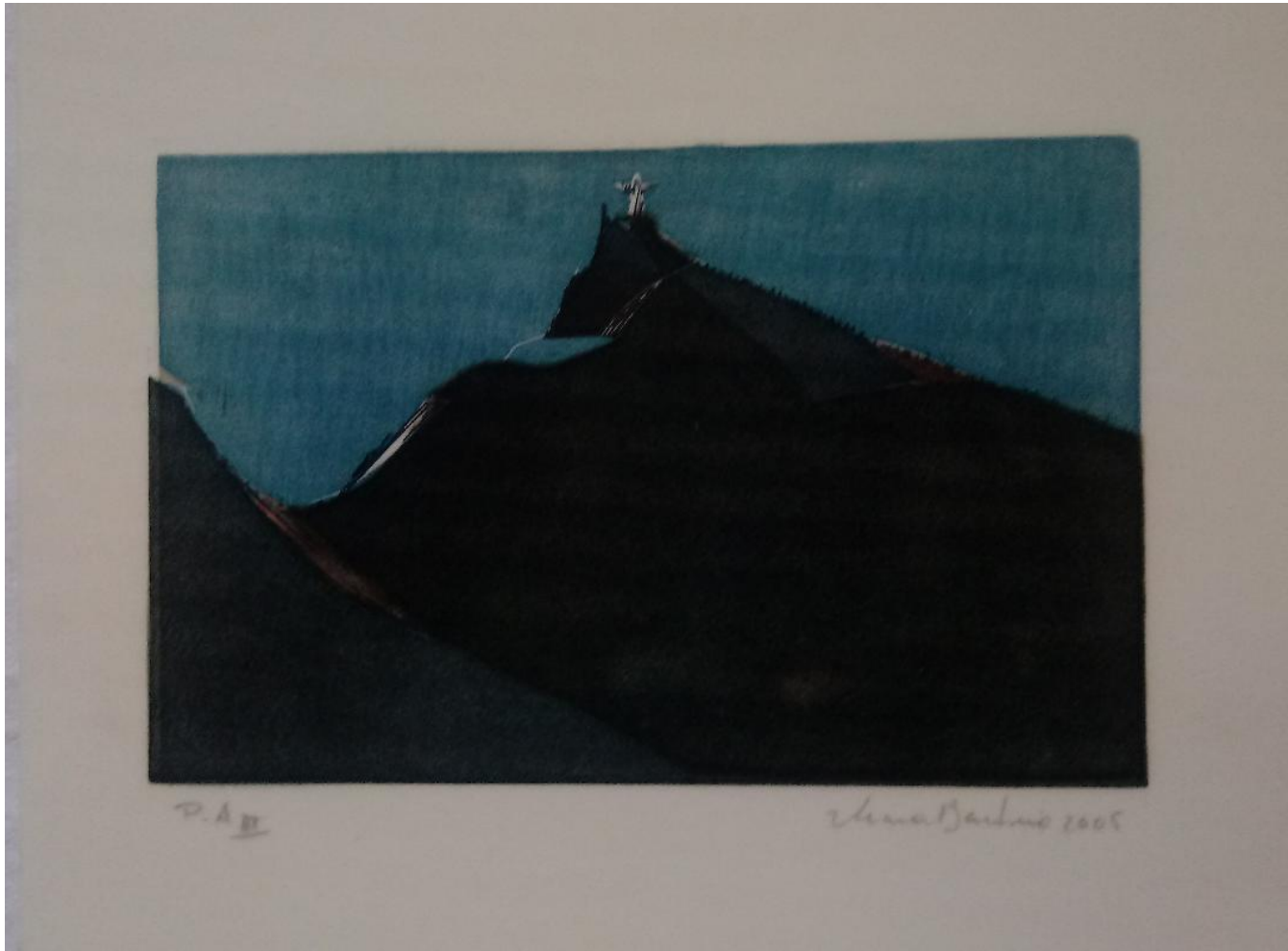
Tulipa Vermelha na Floresta; técnica mista; 100 x 80 cm; 2010

Tiago Gomes



Estudo em preto e ocre; giz de cera sobre papel Canson 224gr/m²; 60 x 40 cm;
2021

Uiara Bartira



Vista da Barão de Guaratiba; linóleo - Prova de Artista PA-I; Suporte 22,5 x 28 cm; 2005

“Nessa rua tem um bosque
Que se chama solidão
Dentro dele
Dentro dele mora um anjo
Que roubou
Que roubou meu coração”

Mário Lago / Roberto Martins

Valesca Veiga



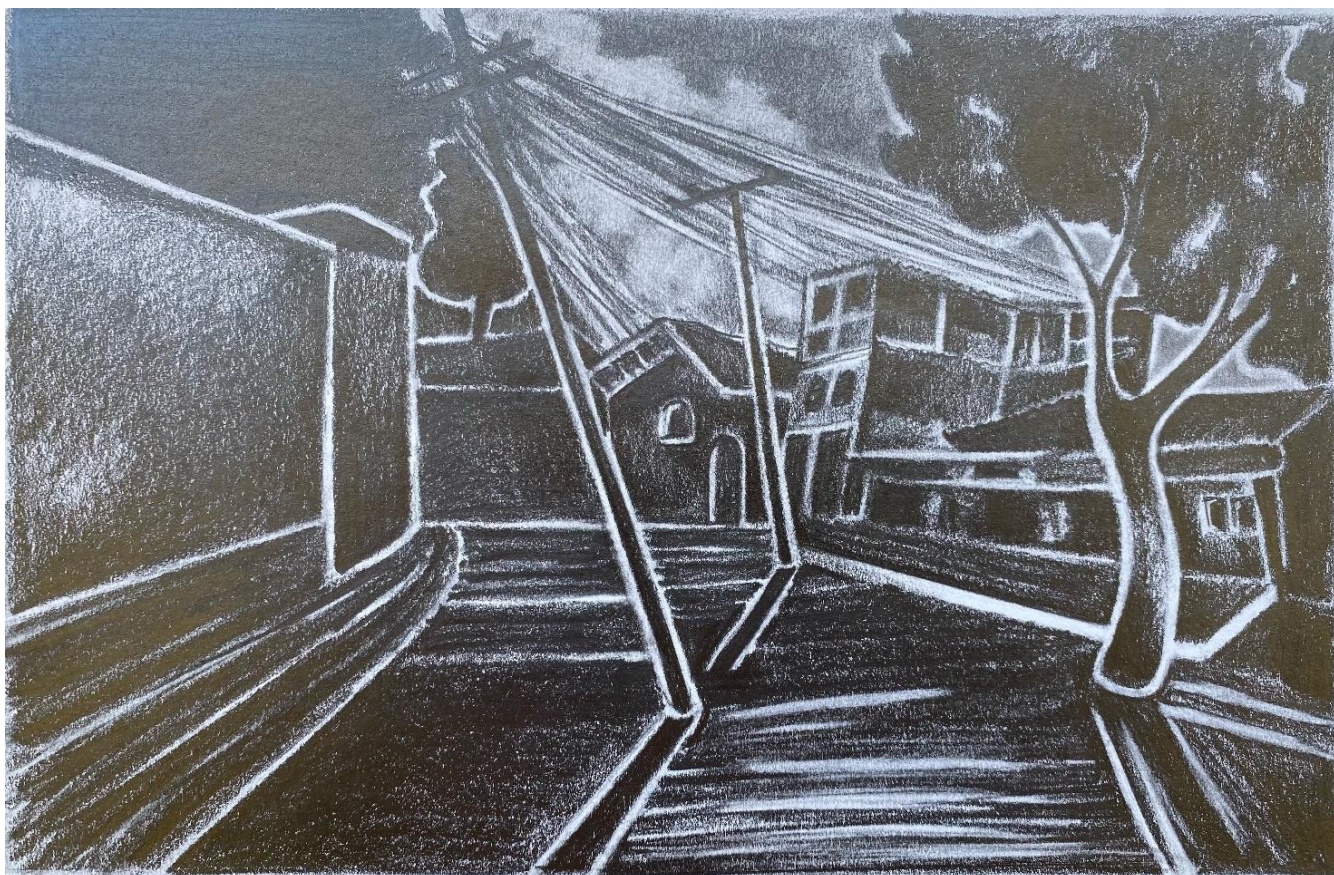
Há só uma janela fechada e todo o mundo lá fora; políptico (9), fotografias, impressão fine art s/ papel de algodão Hahnemühle 310 gsm; tiragem 5; 30 x 20 cm; 2021

Vânia Vica



Goeldi em paralelas; xilogravura impressa em papel Canson 224g; tiragem: 2/2;
30 x 42 cm; 2021

Vera Hermano



Minha vida, onde eu moro; desenho, grafite s/ papel; 17 x 26 cm; 2020

VeraLu



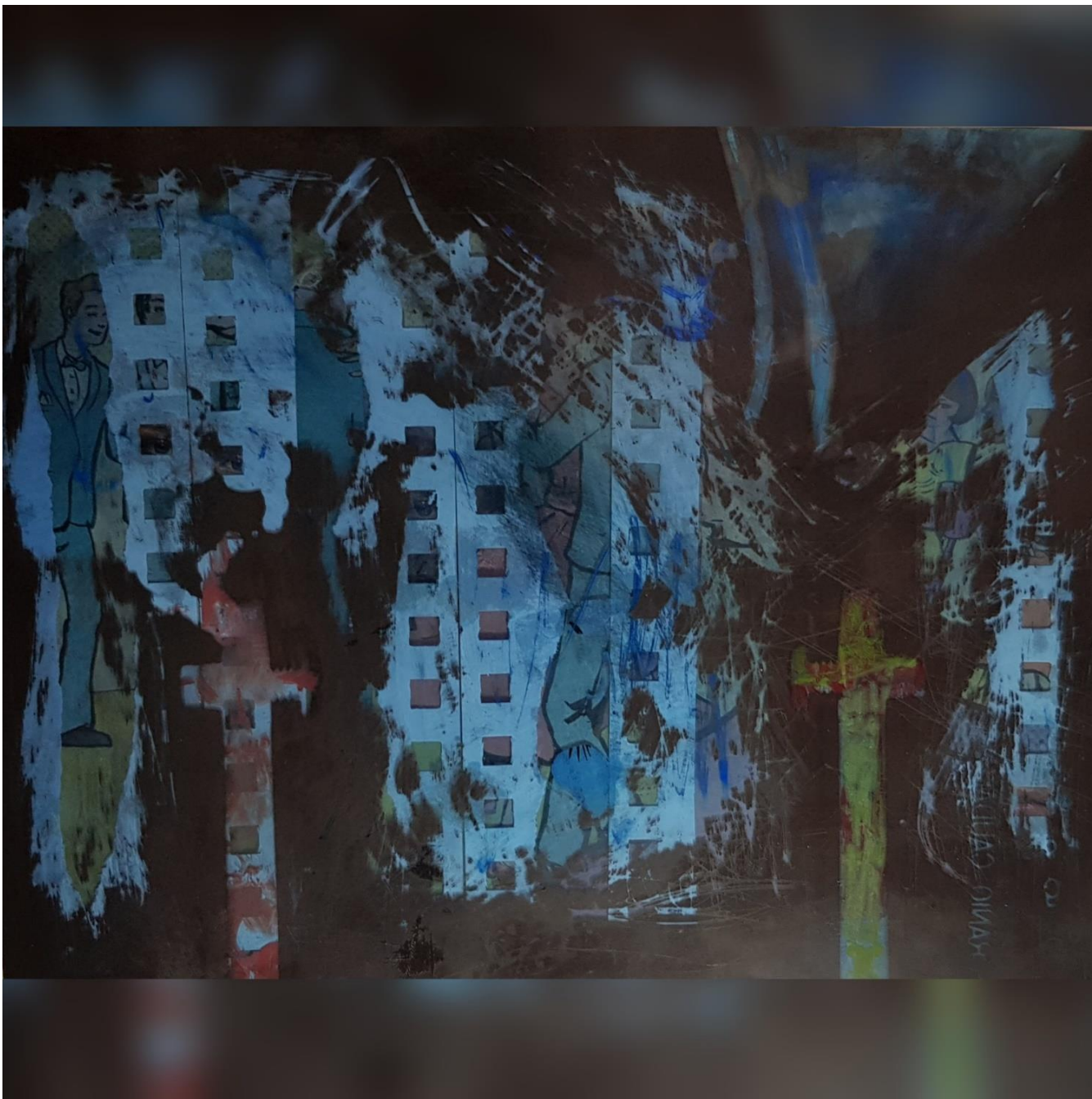
O Tempo entre Vida e Morte; linóleo; 47 x 65 cm; 2007

Verônica Camisão



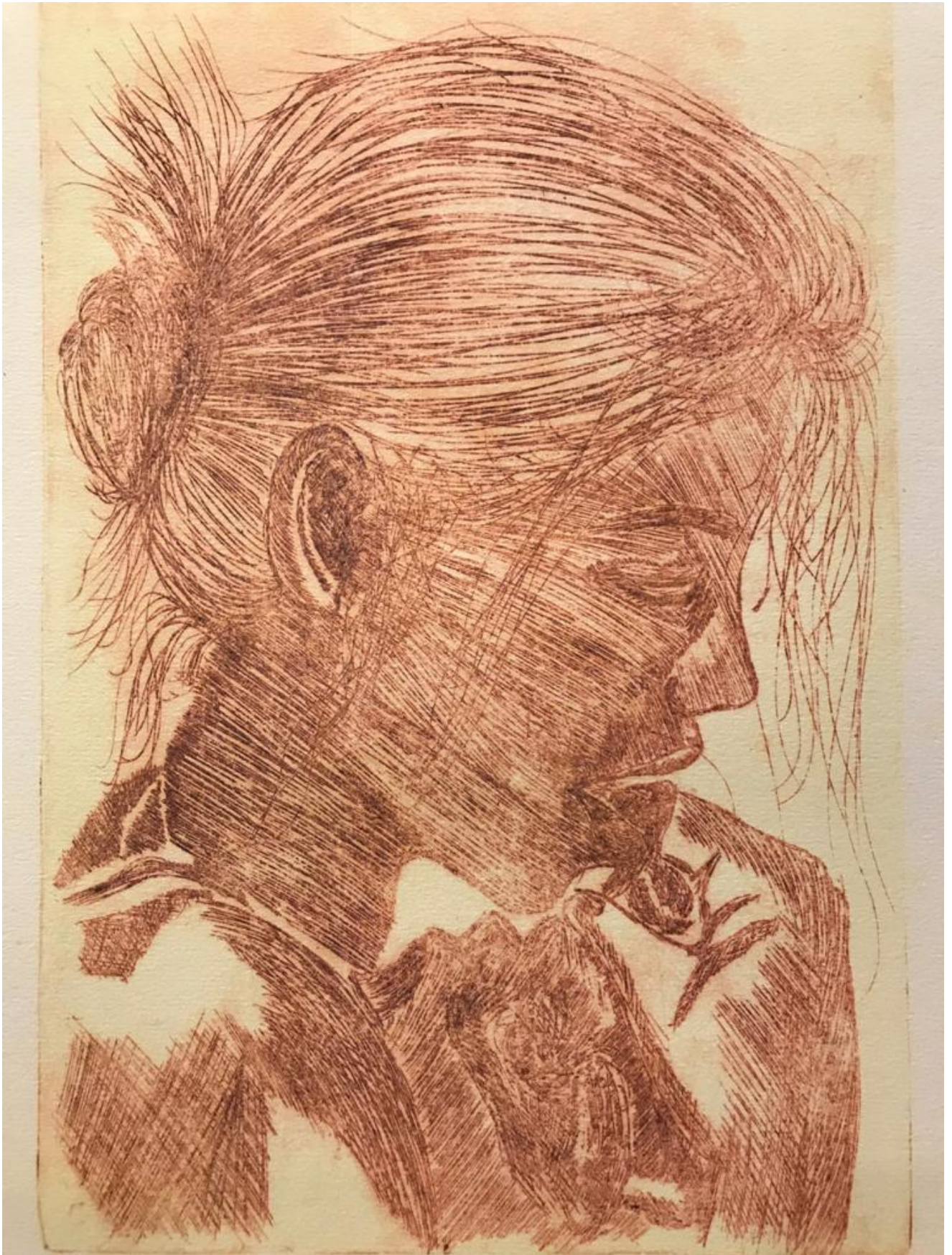
A capela botânica dos últimos dias; acrílica s/ tela; 140 x 80 cm; 2020

Vilma Lima



Melancolia; técnica mista: colagem, pintura e raspagem em negativo de RX; 22 x 17 cm; 2020

Vitoria Sztenjman



O Pensamento; gravura em Metal, P.A.; 20 x 30 cm; década 80

Vlad da Hora



O marido de Akulka; gravura; 30 x 20 cm; 2021

Walkyria Proença



Sem título; acrílica e spray sobre tela; 40 x 50 cm; 2021

Ze Igino



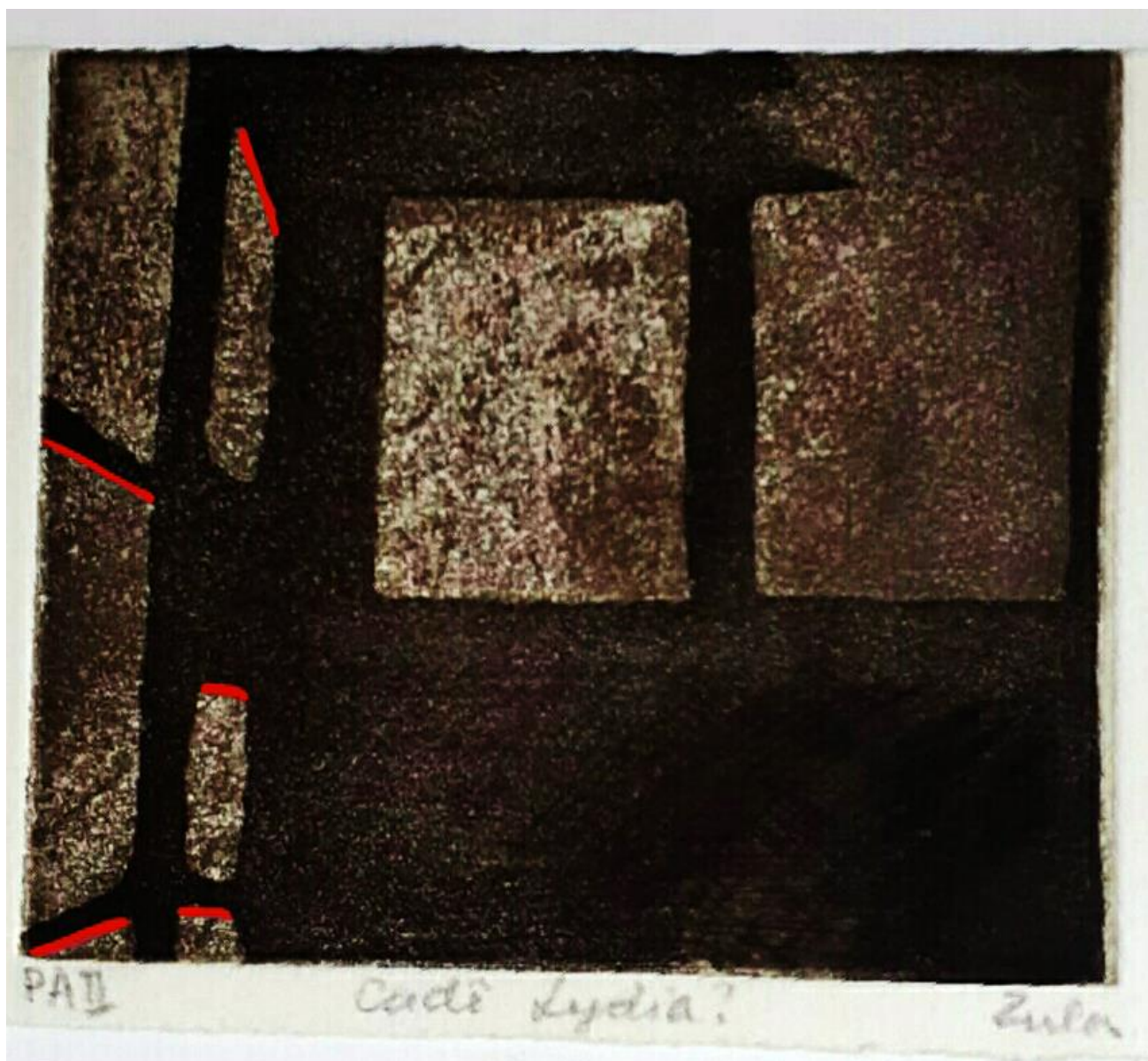
Ano novo, ano velho; gravura em metal; 30 x 20,5 cm; 1986/1987

Zoravia Bettiol



Homenagem a Oswaldo Goeldi; acrílica s/ papel; 47,5 x 42 cm; 2021

Zula



Cadê Lydia; gravura em metal (água tinta e ponta seca), com interferência digital e impressão em papel fine-art algodão; tiragem 2; 10,5 x 9 cm; 2015

Livro – Aux Rives de Notre Océan – Jacques Cuers – Alguns ilustradores, inclusive 2 ilustrações de O. Goeldi, assim como algumas de seu inseparável amigo Reis Jr., inclusive dedicada à sua esposa Beatrix Reynal - Livraria Geral Franco-Brasileira Ltd., Rio de Janeiro – exemplar 19/200; 28 x 37 cm; 1942.



TABLE
DES
ILLUSTRATIONS

ÉCUSSON DES "ÉDITIONS DES DEUX RIVES"
MONUMENT DES NAVIGATEURS, à l'Exposition de Lisbonne
de 1940, par J. M. dos Santos
LES NAVIGATEURS, par Reis Junior
TOUR DE BELEM, par Reis Junior
SALUT AU BRÉSIL, par O. Goeldi
L'ARRIVÉE A GUANABARA, par J. M. dos Santos
LE BAL, par J. M. dos Santos
ESCALE, par Reis Junior
SERRA DOS ORGÃOS, par J. M. dos Santos
LE CORCOVADO, par O. Goeldi
ROUTE DE CINTRA, par Reis Junior
LES HIÉRONYMES, par Reis Junior
HAUTERIVE - GENÈVE, 1 - par J. P. Chabloz
HAUTERIVE - " 2 - " " " "
BLANCS TOMBEAUX, par Reis Junior
SOUS LES "QUARESME", par J. M. dos Santos
LA BÉNISSEONS-DIEU, par H. Cavalleiro
LE MONT-SAINT-MICHEL, par Reis Junior
ÉCUSSONS DES QUATRE PAYS
Couverture par Reis Junior



